



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ - UESPI
CAMPUS PROFESSOR ALEXANDRE ALVES DE OLIVEIRA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

HUEDSON BRUNO SALES COSTA

**UMA NOVA HISTÓRIA PARNAIBANA? ANÁLISE DOS TRABALHOS DE
CONCLUSÃO DO CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA DA
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ (CAMPUS ALEXANDRE ALVES DE
OLIVEIRA) (2010-2017)**

**PARNAÍBA-PI
2024**

HUEDSON BRUNO SALES COSTA

**UMA NOVA HISTÓRIA PARNAIBANA? ANÁLISE DOS TRABALHOS DE
CONCLUSÃO DO CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA DA
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ (CAMPUS ALEXANDRE ALVES DE
OLIVEIRA) (2010-2017)**

Artigo apresentado à Universidade Estadual do Piauí, campus Professor Alexandre Alves de Oliveira, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura Plena em História.
Orientador(a): Prof. Dr. Idelmar Gomes Cavalcante Júnior.

**PARNAÍBA-PI
2024**



GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ - UESPI
CONSELHO DE ENSINO, PESQUISA E
EXTENSÃO



CAMPUS PROFESSOR ALEXANDRE ALVES DE OLIVEIRA
COORDENAÇÃO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

ATA DE APRESENTAÇÃO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos dezessete dias do mês de maio de dois mil e vinte e quatro, às 15:00, em sala do campus Professor Alexandre Alves de Oliveira, na presença da banca examinadora presidida pelo professor **Idelmar Gomes Cavalcante Júnior** e composta pelos seguintes professores(as) membros: **Maria Dalva Fontenele Cerqueira** e **Fernando Bagiotto Botton**, o aluno **Huedson Bruno Sales Costa** apresentou o Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em Licenciatura Plena em História, como elemento curricular indispensável à colação de grau, tendo como título: **Uma nova história parnaibana? análise dos Trabalhos de Conclusão do Curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Estadual do Piauí – UESPI (Campus Alexandre Alves de Oliveira) (2010-2017)**. A banca examinadora reunida em sessão reservada deliberou e decidiu pela **aprovação** do candidato. Eu, professor Idelmar Gomes Cavalcante Júnior, na qualidade de presidente da banca lavrei a presente ata que será assinada por mim, pelos demais membros e pelo aluno apresentador do trabalho.

Obs.: **Nota 10,0**

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr. **Idelmar Gomes Cavalcante Júnior** (Orientador)
Universidade Estadual do Piauí

Prof. Dr. **Fernando Bagiotto Botton** (Examinador Interno)
Universidade Estadual do Piauí

maria dalva fontenele cerqueira

Prof. Dr. **Maria Dalva Fontenele Cerqueira** (Examinador Externo)
Secretaria Estadual de Educação - PI

Huedson Bruno Sales Costa (Graduando)

“toda a história é história contemporânea”.

(Benedetto Croce)

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, sou grato a Deus e às minhas mães Rosário Sales e Silvana Sales por todos os seus bons ensinamentos nesta vida efêmera. Agradeço também alguns colegas de curso que estiveram me estimulando a prosseguir, pois o início dessa trajetória não foi fácil. Menciono também a participação de outros colegas que contribuíram de forma indireta para a continuidade desta caminhada, a qual me rendeu muitas experiências e aprendizagens que foram além da busca de um diploma. Juliana Sousa, Ana Julia Sousa, Rafael Lucas, Genilson Torres, Julinardo Alves entre os amigos que sempre me incentivaram a prosseguir nos meus estudos. Não poderia deixar de mencionar a contribuição do Dr. Idelmar Gomes Cavalcante Júnior, que me auxiliou a realizar esta pesquisa de forma rigorosa. O professor Idelmar se tornou para mim um amigo o qual nunca esquecerei dos seus ensinamentos.

Uma nova história parnaibana? análise dos Trabalhos de Conclusão do Curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Estadual do Piauí (Campus Alexandre Alves de Oliveira) (2010-2017)

Huedson Bruno Sales Costa¹

RESUMO

Este artigo explorou o impacto da formação superior na produção historiográfica de Parnaíba/PI, com destaque para as produções realizadas pelos graduandos da Universidade Estadual do Piauí- UESPI (Campus Alexandre Alves de Oliveira). A pesquisa investigou de forma qualitativa as monografias, as quais foram analisadas por meio de quatro variáveis: a relação dos graduandos com o **tempo, grupos sociais, espaços da cidade** e com a **memória**. Dessa forma, tornou-se possível verificar se a escriturística de uma saudade teve alguma influência decisiva na produção dos licenciados do curso de Licenciatura Plena em História entre (2010-2017). Utilizamos para a análise dos trabalhos referenciais teóricos como François Hartog, Michel Pollack, Joel Candau, Edward Thompson e Aleida Assmann que nos auxiliaram a perceber a qual o sentido tomado pela escrita dos graduandos. Com isso, a pesquisa identificou a influência de disciplinas da graduação e a incorporação de paradigmas historiográficos como o Materialismo Histórico, História Cultural dentre outros presentes na escrita dos discentes. Dessa forma, os resultados apontaram para a construção de uma historiografia parnaibana bastante conceitualizada, capaz de captar a diversidade de experiências e narrativas presentes na cidade. Nesse sentido, o estudo visou ressaltar o papel transformador da formação em nível superior na renovação da produção histórica local, fornecendo uma base sólida para uma compreensão mais abrangente e crítica da História de Parnaíba, a qual se distancia do conceito central deste artigo denominado de escriturística da saudade.

Palavras-chave: História, Licenciatura Plena, Produção Acadêmica, Parnaíba, Escriturística da Saudade.

De acordo com o Projeto Pedagógico do curso de Licenciatura Plena em História, vigente desde 2017, da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), (Campus Professor Alexandre Alves de Oliveira) que foi criado para suprir a demanda de docentes e pesquisadores para atuar tanto em pesquisas como na educação básica. Assim, sua primeira turma foi iniciada no segundo semestre de 2006, através da “[...] Resolução do CONSUN nº 007/2007[...]”, na qual ingressaram 40 alunos no turno da noite (UESPI, 2017, P.13). A licenciatura em história atraiu muitos estudantes de cidades vizinhas que se graduaram apresentando trabalhos de conclusão de curso (TCC) com temáticas variadas (UESPI, 2017).

A primeira turma regular formou-se em 2010, o que possibilitou a ascensão de um grupo de historiadores acadêmicos que passaram a atuar na publicação de livros, imprensa local e pesquisas

¹ graduação em que (2023), Licenciatura Plena em História, universidade estadual do Piauí (UESPI). Orientador: Idelmar Gomes Cavalcante Júnior. Parnaíba, 23/03/2023.

científicas ligadas à cidade de Parnaíba. Outros graduados tornaram-se docentes efetivos em prefeituras de vários municípios do Piauí e Maranhão, e ingressaram em programas de mestrado conforme os autores Thalita dos Santos Fialho e Felipe Augusto dos Santos Ribeiro (FIALHO; RIBEIRO, 2021).

Sendo assim, a Universidade proporcionou que um grupo de graduandos utilizassem o conhecimento adquirido ao longo do curso para produzir conteúdo científico e acadêmico sobre a cidade de Parnaíba, a partir de novas perspectivas pautadas na teoria da história e na metodologia científica (FIALHO; RIBEIRO, 2021). As monografias produzidas pelos graduandos deveriam se diferir de uma produção factual e linear com temas relacionados às personalidades heroicas e memórias do passado, esses assuntos podem até ser abordados, mas deviam ser estudados de forma crítica para se afastar de uma escrita da história tradicional e memorialista. Com isso, seria relevante para o protagonismo dos formandos parnaibanos o uso das técnicas de análises de fontes e escrita aprendidas na academia em seus trabalhos, desse modo, conseguiriam caracterizar uma nova historiografia parnaibana, a qual poderia estar intrinsecamente vinculada ao curso de História da UESPI.

Anterior ao surgimento de pesquisadores formados pela academia em Parnaíba, os textos relacionados a história da cidade e outros assuntos eram redigidos por profissionais liberais tais como médicos, advogados, professores, entre outros, os quais não acompanhavam os debates historiográficos produzidos nas universidades para realizar suas produções textuais. Em geral, são obras de caráter tradicionalista e/ou memorialista, conceitos esses que serão explicados mais nitidamente nos próximos parágrafos.

Para compreender o formato de escrita que caracterizaremos como historiografia tradicional abordaremos como exemplo o surgimento do Romantismo. Esse foi um movimento multifacetado, pois se manifestou em várias áreas como filosófica, artística, cultural, literária, política dentre outras, as quais foram regidas por suas diversas características. Sua gênese ocorre no século XVIII na Alemanha, que vivenciava uma paulatina industrialização e se distanciava de um passado ainda não transformado pela modernidade capitalista. Com isso, os intelectuais da época lançaram-se numa perspectiva melancólica sobre o presente ao qual havia perdido o sentido (LOWY, 1995).

A nostalgia de um paraíso perdido é acompanhada, quase sempre, por uma busca do que foi perdido. Já tem sido observado, com grande frequência, no âmbito do romantismo um princípio ativo sob diversas formas: inquietação, estado de devir perpétuo, interrogação, procura, luta. (LOWY, 1995, p. 11).

Os componentes da visão romântica se pautam na recusa pelo presente e seus traços que foram moldados pelo ritmo das máquinas surgido com a revolução industrial, características que deixavam

os românticos inquietos. Assim, o romantismo surge por meio de um sentimento de protesto contra as diversas mudanças ocorridas na sociedade oriundas do capitalismo (LOWY, 1995).

O Romantismo foi um movimento cultural e/ ou paradigma que predominou durante os dois últimos séculos desde sua ascensão. Isso ocorreu em razão do seu envolvimento com diversas camadas sociais, inclusive de sua relação com o iluminismo, pois os mesmos surgiram quase no mesmo período. Embora eles tenham concepções diferentes não podemos fazer afirmações genéricas que ambos foram opostos, entretanto, podemos refletir sobre sua relação no decorrer dos dois últimos séculos (LOWY, 1995). Como cita Lowy “Nos célebres casos de Schiller e Goethe, verifica-se a passagem de um romantismo predominante para um espírito iluminista também predominante, sem ter existido ruptura completa entre duas mentalidades em estado puro” (LOWY, 1995, p. 27).

Assim o Romantismo assumiu uma diversidade formas que tornaram a sua definição ambígua, pois seus expoentes não se mantiveram apenas em criticar a vida moderna. O movimento foi marcado internamente pela desordem, ou seja, não teve uma postura heterogênea sobre seus princípios. Como exemplo “A ideia de que o romantismo é uma forma cultural “burguesa” aparece quase sempre — sob formas mais atenuadas — na literatura marxista, até mesmo em autores bem mais informados do que Caudwell” (LOWY, 1995, P. 5). Embora, existam citações como essa, percebe-se que a maioria dos intelectuais e literatos associados ao romantismo tinham uma visão de mundo anticapitalista marcada pela sua subjetividade heroica.

O romantismo se apodera de qualquer tipo de ideia, seja ela democrática, ditatorial ou conservadora os seus simpatizantes as utilizam para a formulação de sua identidade, por isso, o movimento é considerado bastante diversificado. Mesmo sendo um movimento marcado pela incerteza de sua identidade, existem algumas características que são mais pujantes: o conservadorismo, a nostalgia pelo passado e o heroísmo, esses são os mais relevantes traços que permearam o movimento (Lowy, 1995).

O positivismo também nos auxiliou na explicação da noção de historiografia tradicional, pois teve uma postura limitada acerca da história, pois buscou criar uma história geral que envolvesse toda a humanidade e desconsiderasse a variedade de construções da narrativa sobre as diferentes sociedades. Esse modelo de história idealizado por eles influenciou na escrita das histórias nacionais que se pautaram em uma perspectiva eurocêntrica, que colocava a sociedade europeia como modelo a ser seguido por outras no processo de formação de uma história nacional. Com isso, as concepções das filosofias da história influenciaram o paradigma positivista defendido por August Comte e outros intelectuais, que buscaram construir uma ciência social neutra ligada às ciências exatas e naturais (BARROS, 2013).

O positivismo foi fortemente difundido pela burguesia industrial da França do século XIX, que tinha um discurso ligado à “conciliação de classes”, a qual considerava o trabalhador como responsável por ordenar um progresso a ser alcançado de modo linear. Esse discurso deu ao positivismo papel fundamental para uma historiografia centralizada nos grandes fatos e personalidades políticas europeias ligadas à burguesia e ao Estado, desse modo, os povos de outros continentes, como africano e americano, não eram considerados relevantes para serem retratados nas produções textuais (BARROS, 2013).

O modelo empírico usado pelo positivismo, por muito tempo, influenciou a escrita da história, sendo utilizado por pensadores conhecidos como Émile Durkheim, que em alguns aspectos usou o conceito positivista para auxiliar na teoria dos fatos sociais que, assim como Comte, considera as leis sociais iguais às que regem a natureza. Nesse sentido, em razão da apropriação do conceito por esses pensadores, o paradigma foi concebido como tradicional por causa da sua frequente utilização até o século XX por diversos escritores, literatos, historiadores e sofreu algumas críticas da escola dos Annales, a qual mencionaremos mais adiante (BARROS, 2013).

Para exemplificar a escrita da historiografia tradicional trouxemos a obra do escritor parnaibano Diderot Mavignier “*No Piauí na Terra dos Tremembés*” (2005); que narra com detalhes a história da formação da vila de São João da Parnaíba, repercutindo sobre os indivíduos mais abastados, políticos e aristocratas como Simplício Dias da Silva que, segundo Mavignier:

Deixou para os brasileiros exemplos de patriotismo e amor à sua terra, com seu gênio combativo e grande capacidade para resolver tudo a contento nos momentos difíceis. Com heroísmo comandou os destinos políticos da Parnaíba, levando o nome de São João da Parnaíba para as páginas de glória da História do Brasil, onde deve figurar o nome de Simplício Dias da Silva, o promotor da independência do Brasil no Piauí (MAVIGNIER, 2005, p. 108).

O autor também descreve o pai de Simplício, Domingos Dias da Silva, como responsável por realizar a construção de casas e igrejas na Vila de São João da Parnaíba. Constantemente o fazendeiro é citado como uma personalidade de influência em toda a capitania do Piauí (MAVIGNIER, 2005). Esse tipo de história que idealiza os grandes homens e sua participação em marcos históricos considerados progressistas é uma característica da historiografia tradicional positivista, a qual foi supramencionada.

Numa perspectiva textual memorialista poderíamos citar a obra de Maria Elita Santos de Araújo, que demonstra uma narrativa saudosista sobre alguns locais situados na zona central da cidade.

Saudade do repicar do sino da matriz, do apito rouco das lanchas ancoradas no Porto das Barcas, o estrídulo silvo da Maria Fumaça, o som agudo da fábrica Moraes. Toda essa unissonância na hora maior, despertava a cidade, anunciando o nascimento de Cristo, a missa do galo ou a chegada do Ano Novo. Na passagem do século não se ouviu a não ser longos e

profundos mergulhos em silêncio. Tudo se acabou, Parnaíba vive triste! (ARAÚJO, 2002, p. 108).

A autora menciona que no século passado Parnaíba era movimentada, e as transformações econômicas trouxeram um silêncio profundo para a área que ela considera cidade, ou seja, a escritora mostrou uma nostalgia sobre o passado e ao mesmo tempo uma forte infelicidade com o presente. Era dessa forma que a escrita da história da cidade foi elaborada pelos diversos literatos parnaibanos, através de uma narrativa que associa a passagem do tempo as transformações que teriam sido negativas para a localidade: “[...] praças, jardins e casarões foram desfigurados pelo progresso [...]” (CAVALCANTE JUNIOR, 2015, p. 119). Esta tentativa de preservar as memórias de um passado de esplendor, a qual viveu uma pequena burguesia parnaibana do século XX, é contida no artigo “*A Escriturística de uma Saudade Parnaibana: história, tempo e espaço na cidade de Parnaíba-PI*” (CAVALCANTE JÚNIOR, 2015).

Conforme o texto de Cavalcante Júnior, os literatos parnaibanos adotaram, durante o século XX, uma postura nostálgica diante da perda de expectativas causada pela crise econômica, iniciada também no século supracitado. Então, lançaram-se sobre uma tentativa de valorização das memórias da urbe, que experimentou momentos de exuberância no período das exportações. Sendo assim, seus livros têm uma concepção de negação do presente e futuro em favor de um passado ao qual as personalidades e os grupos sociais privilegiados são amplamente mencionados por suas obras na cidade. Com isso, as obras memorialísticas têm como intuito impedir que o tempo afaste dos parnaibanos as glórias do passado, assim, os textos trazem frequentemente as memórias do passado para provar no presente que cidade rica e próspera foi a Parnaíba do século XX (CAVALCANTE JÚNIOR, 2015). Com isso, surgiu uma expressão que se consagrou entre os parnaibanos, os quais mencionam a cidade como a “[...] a cidade do já teve” (CAVALCANTE JÚNIOR, 2015, p. 117). Essa frase surgiu em decorrência das perdas que alguns cidadãos observaram de perto como a desativação do trem e das antigas fábricas, a queda das exportações, entre outros símbolos do progresso que sofreram desgaste com a passagem do tempo.

Com isso, nos textos produzidos pelos literatos, ficaram aprisionados as memórias de um momento de efervescência comercial que é contemplado com a finalidade de reafirmar os valores dos grandes homens, os quais, de acordo com esses autores, não podem ser responsabilizados pela estagnação econômica vivenciada no município após o auge do extrativismo. Os literatos ignoraram o presente em detrimento de uma visão angustiada do passado que precisa ser frequentemente lembrado, em seus textos, por sua grandeza (CAVALCANTE JÚNIOR, 2015).

O conceito de “escriturística da saudade” é relativo a uma produção historiográfica que olha para o tempo desejando que ele tenha parado no passado, assim, excluindo os aspectos do tempo presente e futuro. Essas obras literárias possuem discursos nostálgicos e angustiados

sobre a passagem do tempo, pois ele afasta os parnaibanos de um passado glorioso e ao mesmo tempo conduz a um futuro sem expectativas (CAVALCANTE JUNIOR, 2015, p. 118).

Os autores associados à escriturística da saudade não colocaram uma postura crítica em seus livros e relatos sobre a cidade, além disso, não buscaram problematizar o motivo dos acontecimentos como a desativação da ferrovia e a perda do título de entreposto comercial. Assim, o paradigma da história mencionado se preocupou apenas em preservar a memória de uma burguesia de meados do século anterior, sedenta por ostentação e progresso, sendo os cidadãos mais ilustres lembrados com afeto por suas realizações (CAVALCANTE JUNIOR, 2015).

A escriturística da saudade não coloca a responsabilidade das perdas do passado nos homens ricos e cultos que modernizaram a cidade “[...] vistos normalmente como responsáveis apenas por virtudes”, mas justifica-a colocando a culpa ao tempo e as camadas populares pela perda dos símbolos da modernidade parnaibana (CAVALCANTE JÚNIOR, 2015, p. 124).

Só assim, ignorando as contradições conceituais e políticas, a história da Parnaíba encontraria seu sentido e escaparia da impossibilidade de explicar sua estagnação no presente, já que a escriturística da saudade pouco se dispôs a criticar os ilustres personagens do passado, vistos normalmente como responsáveis apenas por virtudes (CAVALCANTE JÚNIOR, 2015, p. 124).

A partir da formação de novos licenciados em história pela UESPI, os textos que se referem à cidade de Parnaíba deveriam ganhar novas perspectivas, pois os graduandos foram orientados a realizar uma prática da escrita da história pautada numa metodologia científica rigorosa. Sendo assim, os graduandos cursaram disciplinas como Introdução aos Estudos Históricos, Teoria da História I e II, que têm como objetivo pensar a história de um ponto de vista teórico e não apenas empírico, o que proporciona uma historiografia menos narrativa e mais analítica e problematizadora. Uma formação enfim, em grande medida, influenciada pelas transformações provocadas pela Escola dos Annales, a qual inovou nas técnicas analíticas sobre as fontes, associadas à proposta da história-problema que deveria ser o ponto inicial para as pesquisas dos formandos.

A Licenciatura em História promove disciplinas que apresentaram o paradigma do Materialismo Histórico, criado por Karl Marx e Friedrich Engels, que fora trabalhado em sala para que os discentes compreendam esse conceito e o apliquem em suas produções. Essa teoria considera que a base material, a infraestrutura, é responsável pelas transformações ocorridas na vida humana, através da convergência entre as forças produtivas (BARROS, 2013). Essa concepção histórica e suas vertentes são apresentados aos formandos, no decorrer do curso, como um instrumento teórico-metodológico que possibilita analisar e escrever a história com o auxílio de uma série de conceitos, como: luta de classes, modos de produção, dialética, entre outros, os quais se complementam dentro dessa teoria e ajudam a dar embasamento crítico aos graduandos.

Outro paradigma historiográfico que pode influenciar as pesquisas dos discentes é a História Cultural, que nos últimos anos foi impulsionada por diversos escritores, dentre eles mencionamos a contribuição de Roger Chartier. Uma de suas conhecidas obras “*A História Cultural: entre práticas e representações*” (2002) auxilia os historiadores a ampliarem sua compreensão sobre fonte histórica que não restringe apenas a documentos oficiais como se baseavam os positivistas, mas a memórias, imagens e artefatos que ajudam na consolidação de uma história baseada na longa duração (CHARTIER, 2002). Em razão da amplitude dessa teoria, serão mostradas apenas as principais definições explicadas por Chartier:

A história cultural, tal como a entendemos, tem por principal objecto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler. Uma tarefa deste tipo supõe vários caminhos. O primeiro diz respeito às classificações, divisões e delimitações que organizam a apreensão do mundo social como categorias fundamentais de percepção e de apreciação do real (CHARTIER, 2002, p. 16-17).

Assim, os trabalhos científicos devem se diferenciar de uma produção historiográfica sem postura crítica e referencial teórico. As pesquisas feitas pelos graduandos não podem ser superficiais e sem rigor metodológico, em contrapartida, o pesquisador tem por premissa um trabalho com o uso preciso de referenciais teóricos, os quais buscam as respostas para suas questões através da interrogação do passado. Segundo José Carlos Reis: “O historiador não é um colecionador e empilhador de fatos. Ele é um construtor, recortador, leitor e intérprete de processos históricos” (REIS, 2000, p. 23-24). É dessa maneira que as produções dos formandos devem ser elaboradas.

Em razão das práticas historiográficas tradicionais e memorialistas ocorridas até o final do século XX na cidade de Parnaíba-PI, e a ascensão de uma nova concepção de História emergida por meio da produção dos graduandos pensamos na problemática desta pesquisa. Com isso, verificaremos se a influência da escriturística de uma saudade é decisiva nos Trabalhos de Conclusão do Curso (TCCs) de Licenciatura Plena em História da UESPI entre os anos de 2010 a 2017. Desse modo, para alcançar nossos objetivos, foram estabelecidas quatro vertentes: “a relação dos graduandos com tempo”; “como eles se remetem aos grupos sociais”; “como abordam os espaços da cidade” e “como tratam a questão da memória”.

No momento de catalogação das obras encontramos cerca de 64 monografias no endereço eletrônico: repositorio.uespi.br. Dessas pesquisas, apenas doze foram selecionadas. A seleção teve três critérios, sendo o primeiro ligado aos trabalhos que tratam de memória, os que abordam os espaços da cidade como bairros e suas instituições; e o terceiro: aqueles que estão vinculados a um grupo social específico. Esses critérios foram pensados para verificar a presença da escriturística da saudade na produção dos formandos. Conceito o qual se firmou na preservação da memória dos grandes homens, das famílias e dos espaços nobres da cidade, pois representam as ações das pessoas

mais favorecidas financeiramente (CAVALCANTE JÚNIOR, 2015). Desse modo, foi possível uma maior delimitação da quantidade de TCCS utilizados.

Entre as monografias analisadas e utilizadas na escrita desta produção científica estão:

1. “*Cultura e Participação Juvenil na Cidade de Parnaíba nos Anos Sessenta. Parnaíba, 2013*” de Vania Maria Silva;
2. “*Clube dos Ricos: Do crescimento econômico parnaibano ao luxo, requinte e distinção social do Cassino 24 de Janeiro (1914-1945)*” de Armando Lindolfo Barros;
3. “*História e Memória do Ferroviário Atlético Clube de Parnaíba: do surgimento da equipe ao auge do futebol amador da cidade entre as décadas de 1940 a 1970*” de Denis Amaral Batista;
4. “*Santa Casa de Misericórdia de Parnaíba: entre interesses comerciais e sociais*” de Antônia Maria Araújo Cardozo;
5. “*Além da luta: relatos de operários da Moraes S/A nos anos 1970 e 1980*” de Messias Araujo Cardozo;
6. “*A cidade e A cidade: o Bairro Piauí a partir de 1980*” de Yonária Oliveira Cornélio;
7. “*Rádio, TV e Música: a difusão musical em Parnaíba entre 1940 e 1970*” de Luciane Moreira Andrade De Lima;
8. “*Ferrovia e Memória: decadência e desativação da Estrada de Ferro Central do Piauí – EFCP em Parnaíba, 1970-1990*” de Antônio Luiz Alves Rodrigues;
9. “*História e Memória do Mercado de Fátima*” de Carla Amara Pereira Dos Santos;
10. “*Os Dois Irmãos da Tabajara: Crenças religiosas e percepção do tempo histórico no catolicismo popular em Parnaíba, 2010*” de Anderson Rocha Sobrinho;
11. “*Cine Teatro Éden de Parnaíba: cinema, cotidiano e representação*” de Ítalo Ramos de Sousa e
12. “*Acordes que Transpassam: O grupo musical Apaches e sua influência na dinâmica cultural da Cidade de Parnaíba-PI nos anos de 1968-1981*” de João Carlos Araújo De Sousa.

1.1 A relação dos graduandos com o tempo

Na obra do historiador francês François Hartog “*Regimes de historicidade, presentismo e experiências do tempo*” (2013), é descrita a ideia de ordens do tempo e regimes de historicidade, conceitos que descrevem as diferentes maneiras como as sociedades estruturam e percebem o tempo ao longo da história. O autor da obra explora as diversas formas de organização temporal e como elas influenciam a relação das sociedades com seu passado. Ao examiná-los, Hartog (2013) reconhece que as sociedades atribuem significados diversos ao passado, presente e futuro, evidenciando que a organização temporal é uma construção cultural e social. Essa perspectiva

destaca a relatividade das noções temporais apontando para a influência de fatores culturais, políticos e sociais na formação das concepções temporais. Por outro lado, os regimes de historicidade de Hartog destacam as diferentes formas como as sociedades experienciam o tempo histórico em períodos específicos.

Nessa perspectiva, ele trabalha o tempo a partir da análise de jogos históricos-temporais em uma relação entre noções de passado, presente e futuro, resultando assim, no que se chama “regimes de historicidade”. Hartog explora como diferentes sociedades ou períodos históricos adotam diferentes regimes de historicidade. Assim, ele traz como exemplos vários arquétipos para explicar suas ideias, como os escritos dos cronistas da Antiguidade Clássica Homero e Cícero, o qual está ligado ao conceito história mestra da vida e ao regime nostálgico passadista.

Para tanto, no tópico final, intitulado por: “A dupla dívida ou o presentismo do presente” (HARTOG, 2013, p. 247), o autor apresenta sua discussão teórica de maneira conceitual, e faz várias provocações e problematizações sobre a qualificação do tempo de acordo com cada sociedade. Temas como a contemporaneidade, crise do tempo, crise do futuro, assim como o questionamento desse regime moderno. Neste capítulo, o historiador afirma que as relações com o tempo podem esclarecer momentos, experiências e acontecimentos, mas não os decretar.

Ademais, também expõe que a sociedade não para de olhar para frente nem para trás, permanecendo em seu presente, da qual fez dele o seu único horizonte. Hartog (2013) esclarece que “com o regime moderno de historicidade, o fervor da esperança voltou-se para o futuro, de onde provém a luz” (HARTOG, 2013, p. 260). Essa luz consiste na esperança de mudanças políticas, econômicas e sociais, numa tentativa da disseminação do conhecimento. Esse regime surgiu a partir da Revolução Francesa, a qual iniciou um momento de experiências e expectativas da modernidade. Nesse momento histórico, o futuro é visto como superior ao presente, a tecnologia, assim como a velocidade, é cada vez mais almejada e aguardada nesta fase da história (HARTOG, 2013).

Dessa forma, Hartog traz em sua obra o que há de mais atual nos debates historiográficos acadêmicos sobre a complexa relação entre passado, presente e futuro, destacando várias ilustrações de fatos históricos e contribuições filosóficas. A maneira como as sociedades da época se comportava diante de acontecimentos e marcos históricos refletem bem sobre a dinâmica do tempo e a forma como as diferentes épocas moldam a compreensão da história.

Em contraposição às análises qualitativas de Hartog sobre o tempo, os escritores tradicionais e memorialistas, estes caracterizados anteriormente, têm modos peculiares de se referir ao tempo em suas narrativas. Na escrita tradicional, o tempo é percebido apenas como um parâmetro no qual o historiador se localiza, ou seja, eles se pautam na exposição de fatos conforme o calendário. Além

disso, a historiografia tradicional percebe o tempo com predominância nos exemplos do passado, através da História Mestra da Vida que “De fato, o grande modelo da historiografia europeia, a história magistra, foi por muito tempo, até o final do século XVIII, o modo de explicar o presente pelo passado por meio da exemplaridade” (HARTOG, 2011, p. 61). Desse modo, a historiografia tradicional europeia influenciou os cronistas a se enquadrarem no conceito de escriturística da saudade, a qual está relacionada ao regime de historicidade passadista que tem o passado como referência temporal, isto é, o mesmo predomina sobre o presente e futuro. O passado ensina o presente (HARTOG, 2011).

Segundo o artigo *“FELIZ O AQUILES QUE TEM O SEU HOMERO: A ESCRITURÍSTICA DA SAUDADE E A CONSTRUÇÃO DOS “HERÓIS” PARNAIBANOS”* escrito por Idelmar Gomes Cavalcante Júnior, na escriturística da saudade a noção de tempo é caracterizada como saudosa e nostálgica, pois para ela é como se o mesmo tivesse parado e interrompido a marcha e ao progresso a qual a cidade rumava. A angústia dos literatos com relação a passagem do tempo surgiu a partir de meados do século XX quando uma crise econômica oriunda de fatores internacionais relacionados à Segunda Guerra Mundial barrou o apogeu comercial de exportação em Parnaíba (CAVALCANTE JÚNIOR, 2023).

A escriturística da saudade pode ser considerada uma reação ao que Paul Ricoeur chama de “memória histórica enferma”, uma memória que está permanentemente obrigada a se confrontar com perdas (RICOEUR, 2007, p. 93). Perdas que levam à melancolia e ao enfraquecimento do sentimento de si, da identidade (CAVALCANTE JÚNIOR, 2023, p. 87).

A escrita da História da cidade de Parnaíba, a partir das monografias, precisa seguir uma análise do tempo pautada em princípios, que norteiam uma abordagem qualitativa do tempo. O tempo para os graduandos deve ser entendido como uma construção social, a qual é analisada a partir de referenciais teóricos citados como Hartog e sua concepção de regimes de historicidade. Esses servem como instrumento para os historiadores percebam como as sociedades se relacionam com o tempo. Segundo Hartog (2011): “O Historiador, por lidar com vários tempos, instaurando um vaivém entre o presente e o passado, ou melhor, passados, eventualmente bem distanciados, tanto no tempo quanto no espaço. Este movimento é sua única especificidade” (HARTOG, 2011, p. 37).

A metade das monografias analisadas, ou seja, seis, estão localizadas em um recorte temporal que vai do início do século XX à meados do mesmo, período ao qual Parnaíba experimentou o apogeu do extrativismo. Nas primeiras décadas do século passado os interesses comerciais de uma pequena burguesia foram fundamentais para as transformações sociais que alteram a percepção temporal dos cidadãos, ou seja, o ritmo acelerado do progresso aspirado pelas camadas mais ricas da cidade.

Cavalcante Júnior (2015) ao citar Koselleck caracteriza o tempo histórico como múltiplo, e essa dinâmica temporal sofre influência das organizações e instituições “[...] os homens e as instituições têm formas próprias de ação e consecução que lhes são imanentes e que possuem um ritmo temporal próprio” (CAVALCANTE JÚNIOR, 2015, p. 119). Assim, o progresso e a primeira modernização da cidade foram projetos dos indivíduos mais ricos da cidade, que proporcionaram um momento de aceleração do tempo até meados do século passado (BARROS, 2010). Esse ritmo temporal acelerado é mostrado em inúmeras monografias, entretanto, o tempo não é abordado por meio de referenciais teóricos como Hartog e Koselleck que trabalham o tempo de forma mais aprofundada e complexa.

Embora não se baseando nos teóricos supracitados os pesquisadores problematizaram o tempo sob uma análise crítica, mostrando que as primeiras décadas do século XX foi marcada pela desigualdade social, como exemplo, o graduando Anderson Rocha Sobrinho (2010) revela:

Todo o período de esplendor econômico e cultural de Parnaíba foi atravessado por essa contraditória situação social: o centro histórico cada vez mais urbanizado, iluminado, limpo, desenvolvido e repleto de casarões luxuosos, habitados por cidadãos que gozavam de posição privilegiada dentro dessa sociedade sob vários aspectos, cercado pela imensa maioria da população de desvalidos, que viviam sem acesso a uma instrução escolar de qualidade, à energia elétrica, água encanada e saneamento básico (SOBRINHO, 2010, p. 12).

A citação do formando Sobrinho (2010) não se limitou apenas em mencionar que o tempo situado no recorte foi relacionado ao progresso promovido pela minoria mais rica, como também traz à tona também a exclusão causada pela modernização e a segregação social, a qual foi bastante presente entre os parnaibanos do início do século XX. Logo, o autor não trabalha o tempo como uma trajetória linear evolutiva que teria sido interrompida pela falta de compromisso do povo, como o memorialista Ruben Freitas vinculados à escriturística da saudade.

Os graduandos mostram que o recorte temporal situado em meados do século XX foi repleto de movimentos e transformações que envolveram todos os parnaibanos. Os meios de comunicação de massa, como rádio e televisão, que possibilitaram aos cidadãos de Parnaíba um certo otimismo em relação ao futuro. A música foi uma arte que marcou a cultura e os costumes do período temporal em análise, principalmente pelo engajamento dos parnaibanos em participar das manifestações culturais. Assim, considerando o ponto de vista de Hartog, o qual os demais autores não compartilham do mesmo ideário, ainda existia um horizonte de expectativas para os parnaibanos mais abastados que estavam sempre acompanhando as inovações tecnológicas.

A noção de progresso pertencente ao regime de historicidade futurista, como menciona a obra *“Regimes de Historicidade: Presentismo e experiências do tempo”* (HARTOG, 2003), não foi conceituada pelos graduandos, entretanto, está presente na historiografia deles pois trabalham recortes temporais situados nas primeiras décadas do século XX. Rodrigues (2013) destaca que: “Na perspectiva de inovação nos transportes, o ferroviário trouxe aos parnaibanos a ideia de progresso,

conquista, produzindo na elite político comercial da cidade de Parnaíba o discurso sobre o seu papel no desenvolvimento do estado do Piauí” (RODRIGUES, 2013, p. 23). O tempo utilizado como recorte temporal pelos licenciandos, de acordo com as fontes utilizadas para explicar a história do trem, foi um período no qual os parnaibanos sentiram orgulho de terem vivenciado. Alguns testemunhos proferem um discurso saudoso acerca do momento vivido, mas os formandos não se deixam envolver com a escriturística da saudade.

Após as primeiras décadas de meados do século XX, as monografias situadas neste recorte temporal, isto é, seis delas não evidenciam mais aspectos, como a riqueza, ligados a Parnaíba. Pelo contrário, mostram um momento de crise, a cidade toma outros rumos diferentes dos idealizados pelas famílias influentes da região central. Outros espaços surgiram, lugares que não pertencem mais a um tempo marcado pelo progresso, o qual os escritores tradicionais louvavam. Mas o atraso e esquecimento por parte do poder público foram evidenciados pelos formandos; é dessa forma que o tempo é caracterizado pelos graduandos. Como exemplo, o surgimento do bairro Piauí revela um período da história da Parnaíba no qual as pessoas, sem condições de comprar terras, invadiram uma área considerada sujeita a contaminação por hanseníase.

A graduanda Santos reflete sobre a história do Mercado de Fátima e sua perda de influência comercial, também revela que o tempo nessa conjuntura não foi favorável para os parnaibanos que dependiam desse lugar para vender suas mercadorias. Assim como os outros graduandos, ela reforça a situação de descaso pelo poder público para com os problemas enfrentados pelos cidadãos mais humildes. Ao abordar os assuntos ligados às perdas que a cidade vivenciou ou os momentos de crise, as pesquisas realizadas não demonstraram saudosismo nem nostalgia pelos períodos considerados esplendorosos, ou seja, a passagem do tempo não é concebida de forma angustiada como fizeram os memorialistas.

Os graduandos pesquisaram a Parnaíba do século XX e confirmam indiretamente a afirmação de Hartog a respeito das primeiras décadas da segunda metade do século XX, isto é, a cidade vivenciou esses de forma análoga a que o teórico cita. Para o teórico, houve um grande aumento do “[...] desemprego em massa, o enfraquecimento do Estado de bem-estar social [...]”, a desilusão com um futuro melhor e o amanhã, que foi substituído pela aposta do presente (HARTOG, 2011, p. 147). Isso é mostrado nas seis que tratam o recorte temporal da segunda metade do século em questão, ou seja, seis trabalhos. Embora o tempo não tenha sido tratado de modo qualitativo por eles, percebe-se as mesmas características temporais mostradas por Hartog.

Apesar das características citadas por Hartog terem sido presentes na história da cidade, e algumas modernizações terem ocorrido entre 70 e 80, os trabalhadores não se referem mais com entusiasmo ao futuro, o tempo passa por uma crise que causa desmotivação e medo de reivindicar

direitos. Como exemplo, citamos Cardozo ao refletir dos movimentos sindicais dos trabalhadores da fábrica Moraes S/A, que evidenciam o receio dos operários. De acordo com o que cita Cardozo: “Uma coisa é patente; o medo, principalmente de o que o sindicato poderia significar ser investigado, consequentemente perseguido, e no pior dos casos, o trabalhador ser preso (e obviamente a perda do emprego)” (CARDOZO, 2016, p .47).

Isso explica o porquê do medo de muitos operários em se envolver com o sindicato, pois a segunda metade do século XX, como demonstram as pesquisas, foi marcada pela repressão policial e instabilidade política causada pela Ditadura Militar. Conforme o autor aponta: “[...] a rigidez e a intensificação da exploração para a massa fabril, onde a classe trabalhadora agora se viu numa lógica estranha, imposta, o que incidiu numa mudança abrupta e violenta em seu cotidiano [...]” (CARDOZO, 2016, p. 14).

Com base nas citações acima e nos referenciais teóricos supracitados, podemos perceber que estes graduandos caracterizam indiretamente o tempo referente a segunda metade do século XX como acelerado, em razão das manifestações culturais e políticas que ocorreram, as quais são abordadas em seis trabalhos. Assim, o tempo não é mostrado de forma saudosa, ou seja, os formandos não reproduziram a nostalgia da escriturística da saudade a qual se remete frequentemente ao período das exportações oriundas do extrativismo.

As monografias mostram que os parnaibanos da segunda metade do século XX, principalmente os mais jovens, não estavam presos às lembranças de tempos áureos das primeiras décadas do século XX. Pelo contrário, as doze monografias revelam que os parnaibanos buscavam melhores qualidades de vida, ou seja, possuíam esperança em um futuro melhor, ao qual para a escriturística da saudade é um futuro ameaçado pela desesperança. Como menciona a formanda Barboza: “A escola na cidade de Parnaíba era um dos lugares onde a juventude expressava suas opiniões e aprendiam a manifestar-se culturalmente” (BARBOZA, 2013, p .31). Isso revela o engajamento ao qual alguns estudantes possuíam para com um futuro mais próspero.

Os graduandos não evidenciam uma crise temporal na cidade, a crise a qual os licenciandos explicitam está relacionada a falta de políticas públicas. A segunda metade do século passado foi um dos períodos de intensa movimentação em esferas culturais, políticas e sociais, o tempo para eles continua seguindo sua trajetória, sem necessidade de relembrar o passado glorioso de uma pequena burguesia comercial.

Os aspectos temporais ligados à escriturística da saudade, como o apego a um passado glorioso, não são mencionados pelos graduandos. A vida do trabalhador e suas dificuldades são fatos que estão presentes na narrativa, como exemplo, o recorte temporal trabalhado por Cornélio se relaciona com um momento no qual a cidade deixou de ser entreposto comercial, e a emergente

população carente do bairro Piauí a qual, de acordo com a pesquisadora, sofreu com a falta de assistência do poder público. E, através de uma prática histórica científica, a graduanda explica as injustiças existentes na Parnaíba do século anterior.

Em todas as produções universitárias analisadas, os graduandos usaram o tempo presente para dar lições no passado, ou seja, revelá-lo de modo crítico. Embora tenham repercutido sobre o tempo do esplendor, que é valioso para a escriturística da saudade, os embasamentos teóricos utilizados, os quais não se referem diretamente ao tempo, auxiliaram os graduandos a se desviarem de posturas saudosistas. A partir disso, o tempo abordado por eles, caracteriza-se como um movimento oposto à história “*Magistra Vitae*”, usa o passado para ensinar o presente (HARTOG, 2011). Para os formandos, o presente deve ensinar o passado e com isso, se desviar de uma postura apologética sobre o passado, como faz a escriturística da saudade.

1.2. Como os graduandos se remetem aos grupos sociais

O historiador britânico Edward Palmer Thompson em seu livro, “*Costumes em Comum: estudos sobre cultura tradicional*” (1988), tem como finalidade desenvolver reflexões acerca dos costumes e hábitos da população inglesa na metade do século XVIII; com destaque na cultura, bem como a sua manifestação no dia a dia da classe trabalhadora. Thompson observa os hábitos das camadas populares britânicas, ou seja, a camada trabalhadora e seus costumes tradicionais. Segundo Thompson: “Vou passar por cima de grande parte do que existe no espaço intermediário: comércio, manufatura, o mercado de luxo de Londres, o império do além-mar. E minhas ênfases não são aquelas que gozam de popularidade entre a maioria dos historiadores oficiais” (THOMPSON, 1988, p. 26).

O autor detém-se em entender a importância da figura dos artesãos, operários e camponeses, além de dar visibilidade, apresentando o protagonismo dos trabalhadores, na condição de sujeitos históricos. A história, para Thompson, deve ser contada, levando em consideração inúmeras fontes como testemunhos orais, imagens e vestígios materiais, a saber: a mão de obra trabalhadora, operários, camponeses e artesãos (THOMPSON, 1988).

Nesta perspectiva, seus comportamentos e o próprio trabalho são vistos como reflexos dos costumes, isto é, atitudes, pensamentos, modos de ser, singularidades, motivações pessoais, autonomia, racionalismo e práticas que agregam valor ao homem social. Apesar dessas ações dos sujeitos, motivadas primariamente por seus costumes de ordem moral, além de resistências, são continuamente refletidas e reorganizadas, a começar pela experiência, que influencia diretamente na reafirmação da autenticidade dessa categoria (THOMPSON, 1988).

O autor aborda a cultura como um corpo dinâmico, o qual está em constante construção pela relação entre causas sociais, bem como a própria economia, resultando na denominação de “cultura

popular”. Segundo o autor, o comportamento humano é manifestado a partir dos costumes herdados por gerações, com isso, Thompson conceitua a ideia de “cultura popular” a qual conforme cita:

À cultura plebéia, que se reveste da retórica do “costume” e que corresponde ao tema central deste livro, não se autodefinia, nem era independente de influências externas. Assumira sua forma defensivamente, em oposição aos limites e controles impostos pelos governantes patrícios (THOMPSON, 1988, p. 17).

No capítulo intitulado “Costume, lei e direito comum”, o historiador expõe os vários conflitos entre a classe mais pobre e a mais rica em torno da disputa por direitos. É certo que muitos lutavam pela permanência das suas tradições e costumes, outros reivindicavam em prol do desenvolvimento agrário. Para ilustrar, ao longo do XVIII, era comum os desentendimentos oriundos dos cercamentos das terras comunais, em que os plebeus inseriram os seus gados para pastar. Com o passar do tempo, os mais pobres vão perdendo todos os seus direitos obtidos em tempos intitulados “imemoriais”, resultado de suas práticas, como a colheita (THOMPSON, 1988).

Dessa forma, ao analisar a questão cultural para levantamento de informações, bem como novas dificuldades e análises historiográficas, Thompson busca se aprofundar sobre a vida comum e diária das camadas mais populares, as quais ao longo dos capítulos são descritas as peculiaridades da sociedade inglesa. É salutar a maneira em que o pesquisador coloca em primeiro plano a importância do contexto histórico, evidenciado pelas relações problemáticas de rivalidade entre as elites e as massas. Portanto, Thompson trabalha o conceito de cultura aplicado em vários marcos históricos, grupos sociais, econômicos e políticos, para assim desenvolver a ideia de que estudar a cultura é desenvolver uma análise e reflexão global de todo o cenário histórico (THOMPSON, 1988).

A escriturística da saudade praticada por alguns intelectuais parnaibanos do século XX, como Elita Santos, Carlos Arakem, Rubem Freitas e outros, refere-se às figuras pertencentes às famílias ligadas aos grupos sociais mais abastados, os quais são associados apenas ao desenvolvimento e modernização da zona central da cidade. Conforme o apresentado pelo artigo “*Feliz o aquiles que tem o seu Homero: a escriturística da saudade e a construção dos “heróis” parnaibanos*”, “Em Parnaíba, buscou-se legitimar a obra de uma burguesia comercial que entre as décadas de vinte e quarenta do século passado conseguiu promover importantes transformações na cidade” (CAVALCANTE JÚNIOR, 2023, p. 90). Esses personagens como políticos, comerciantes e profissionais liberais foram reconhecidos como heróis e utilizados pelos literatos para representar a identidade dos cidadãos em razão de seus feitos, que aspiravam ao progresso. Com isso, o homem comum não é mostrado pela escriturística da saudade (CAVALCANTE JÚNIOR, 2023).

O pesquisador universitário necessita assumir uma postura diferente da executada pelos escritores tradicionais ao se direcionar aos grandes homens, por não poder fazer discursos

apologéticos e acríticos. Os graduandos devem mencionar o protagonismo de pessoas simples que compõem a diversidade social, ou seja, as personalidades esquecidas, o negro, o indígena, prostituta, entre outras figuras que são rejeitadas pela escriturística da saudade. Os graduandos precisam executar uma escrita baseada em referenciais teóricos do meio acadêmico como a história cultural e o marxismo, este último que influenciou o intelectual Edward Palmer Thompson para produzir textos que validem o caráter científico da escrita acadêmica.

Na monografia “*CLUBE DOS RICOS: Do crescimento econômico parnaibano ao luxo, requinte e distinção social do Cassino 24 de Janeiro (1914-1945)*” Barros fez uma discussão teórica sobre o termo elite, antes de usá-lo para definir um grupo de comerciantes e profissionais liberais, que tinham boas condições financeiras no início do século XX. Segundo o licenciando, foi preciso algumas análises para definir o conceito de elite na cidade de Parnaíba:

Em Flávio M. Heinz percebemos a dificuldade para definir “[...] o que se entende por elites, sobre quem são e sobre o que as caracteriza” (2006, p. 7). Também encontramos esta dificuldade para definir o grupo social do qual estaria caracterizado como a elite parnaibana e o que caracterizava esse grupo e não outro (BARROS, 2010, p. 20).

Com isso, Barros não usa o termo elite de forma apologética para se referir aos caixeiros, médicos, magistrados, políticos, arquitetos e outros, que fizeram parte de um grupo com privilégios na época. Pessoas que buscavam distinção na sociedade por meio de novos padrões que estavam em ascensão, costumes que eram baseados na cultura europeia. Os momentos de socialização ocorridos entre eles tinham sempre indivíduos da alta sociedade que causavam deslumbre pelas roupas, perfumes e jóias, que utilizavam ao adentrarem nos lugares que eram menos acessíveis para o público mais pobre, símbolos de distinção social (BARROS, 2010).

De acordo com as pesquisas citadas até este momento, os parnaibanos do século XX eram bastante católicos e preservadores da moral e dos bons costumes, os quais educavam seus filhos sobre o trabalho e a escolaridade, que eram os assuntos que mais se preocupavam. Como exemplo, Cardozo cita um trabalhador da antiga fábrica Moraes através de um relato: “Católico convicto e até podemos dizer ardoroso, seu Armando é um homem de perfil sereno, [...]” (CARDOZO, 2016, p. 62).

Os graduandos revelam que na sociedade parnaibana imperava comportamentos hora conservadores, hora progressistas, no que tange ao incentivo a novos padrões culturais de consumo, oriundos de um período temporal conhecido como modernidade. Um dos principais veículos de informação da época, o “Almanaque da Parnaíba”, era um exemplo de como era o pensamento das pessoas pertencentes às camadas mais ricas, pois mostrava inúmeras propagandas de objetos de consumo que não eram acessíveis aos mais pobres. Dessa forma, esse veículo de informação influenciava na formação das personalidades (LIMA, 2010; SOUSA, 2016).

A pequena parcela da população parnaibana do começo do século passado era detentora de muitos preconceitos sobre os mais pobres, um tratamento desigual é mostrado principalmente quando contraem algum tipo de doença considerada grave ou contagiosa. Barros (2010) utiliza uma citação de Ruben Freitas para exemplificar sua afirmação:

A cor da pele também era levada em consideração, segundo Rubens Freitas em seu livro *Parnaíba tem Memória*: "não havia negros na sociedade [grifo nosso] e não temos notícia de moças brancas, da elite, casadas com homens de cor. Se houve exceção, foi raríssima" (p. 216). [...] Desta forma a elite criava o ambiente adequado para a perpetuação de seu status social e da admiração que causava em seus visitantes. (BARROS, 2010, p. 23).

Discursos como esse mencionado acima revelam como a elite era perpetuada por noções de mundo racistas e preconceituosas. Com isso, os indivíduos mais abastados promoveram a segregação social, entretanto, também patrocinaram a criação de um local para colocar os indivíduos que estavam marginalizados e com algum problema de saúde, como mostra a graduanda Cardozo. Conforme ela "[...] sócios fundadores da Santa Casa de Misericórdia da cidade: Paul Robert Singlehurst, Luiz Antonio de Moraes Correia, António José Tavares, José Alves de Seixas Pereira [...]" (CARDOZO, 2010, p. 13). Esses são alguns nomes que contribuíram para a manutenção da Santa Casa de Misericórdia da cidade. Embora a autora tenha mencionado a iniciativa dos grandes empresários, não foram atribuídas características heróicas e saudosistas sobre as imagens desses cidadãos ao decorrer de sua escrita. Desse modo, a autora teve uma postura que se desviou da escriturística da saudade.

Ela revela o real interesse por trás da criação dessa instituição. Segundo sua pesquisa, os cidadãos ligados ao comércio precisavam manter em dia a saúde de seus trabalhadores, além disso, mostra que eles tinham o sentimento de solidariedade ao ajudarem em alguns mantimentos para a mesma (CARDOZO, 2010). Assim, a graduada Cardozo faz uma escrita da história através de uma perspectiva teórica que se distancia do positivismo ao discorrer sobre os menos abastados e sua situação de vulnerabilidade. Desse modo, ela se distancia da escriturística da saudade que: "[...] pouco se dispôs a criticar os ilustres personagens de seu passado, vistos normalmente como responsáveis apenas por virtudes" (CAVALCANTE JÚNIOR, 2015, p. 124).

O autor Rodrigues também se afasta da escriturística da saudade, pois trabalha com o cotidiano de alguns trabalhadores da época como maquinistas e graxeiros, os quais trabalhavam exaustivamente para manter o funcionamento regular das atividades ferroviárias. Conforme o graduando: "busquei perceber a situação de trabalhadores da Empresa não como um enredo completo, mas como uma referência que forma um campo de memórias possíveis, dentro do qual eles alteram seus hábitos, através do regime de trabalho" (RODRIGUES, 2013, p.13).

Por meio de documentos concedidos por ex-empregados, a labuta diária do maquinista foi percebida como uma profissão que necessitava de bastante atenção sobre a velocidade em alguns

trechos como na entrada de cidades ou povoados, como também, o graxeiro que frequentemente não deixava as peças da locomotiva se desgastarem (RODRIGUES, 2013). Assim, ao abordar com detalhes a intensa movimentação de vários trabalhadores que buscavam melhores condições de vida, trabalhando na estrada de ferro, o graduando Rodrigues não deixou que o árduo protagonismo deles fosse esquecido em sua pesquisa.

Por conseguinte, Batista também mostra o cotidiano dos profissionais da ferrovia de Parnaíba, os quais, de acordo com suas pesquisas, foram um dos principais grupos a fomentar a prática esportiva na cidade. O futebol, assim como muitos costumes que chegaram à sociedade parnaibana do século XX fora importado de outros países por viajantes e pessoas de influência ligadas aos grandes comerciantes estrangeiros instaurados na cidade (BATISTA, 2017).

A criação do time, de acordo com as fontes orais mostradas na monografia de Denis Amaral Batista, foi impulsionada por um movimento que já vinha acontecendo em vários estados, nos quais os ferroviários praticavam o futebol para fins de recreação, e até mesmo chegavam a se profissionalizar na área (BATISTA, 2017). Com isso, Batista traz em sua pesquisa uma atividade praticada pelos grupos populares, que por meio da oralidade usada como fonte histórica aproximou os leitores das primeiras práticas esportivas da cidade e se distanciou da “[...]economia escriturística instituída, segundo Michel de Certeau, quando um conhecimento erudito se torna hegemônico e isola o povo e suas tradições baseadas na oralidade” (CERTEAU, 1994, p.222). E Cavalcante Júnior complementa: “A escriturística da saudade, aliás, é tributária do conceito de economia escriturística” (CAVALCANTE JÚNIOR, 2023, p.89).

De acordo com Lima, os funcionários da estrada de ferro não foram o único grupo social que promoveu cultura e socialização na Parnaíba do século passado, os músicos alegraram muitas festas em clubes, os quais bandas tocavam ritmos variados. Os músicos estavam presentes em todas as partes da cidade, bairros periféricos, clubes e cabarés, que eram os locais de trabalho que garantiam sua renda. Um grupo bastante reconhecido, até meados do século XX, foram os “Piratas do Ritmo”. A banda realizou inúmeros shows em outras cidades e chegou a fazer viagens de avião para outro estado. Esse foi um dos grupos pioneiros de Parnaíba, depois dele vários outros conjuntos se formaram principalmente entre os jovens que foram muito influenciados pela jovem guarda, samba e outros estilos (LIMA, 2010).

A ascensão dos novos grupos musicais na cidade foi uma iniciativa dos jovens, que sentiram interesse pela música que era muito consumida em vários espaços. Diversos grupos musicais se formaram através do auxílio de entidades privadas, “Atômicos, Apaches, Bárbaros” muitos indivíduos que se dedicavam à música e não possuíam condições para comprar seus instrumentos, assim buscavam ajuda nessas instituições (SOUSA, 2013; LIMA, 2010). Os graduandos que abordam

assuntos ligados às camadas mais subalternas da sociedade auxiliam na manutenção da cultura popular: “[...] torna-se possível reconstruir uma cultura popular costumeira, alimentada por experiências bem distintas daquelas da cultura de elite. Transmitida por tradições orais reproduzida pelo exemplo (talvez, como transcorrer do século, cada vez mais por meios letrados)” (THOMPSON, 1988, p. 69).

Os músicos, como os demais trabalhadores da cidade, também passaram por situações de precarização do trabalho. Devido aos “baixos cachês”, buscavam novos locais para se apresentar e conseguiram adquirir novos instrumentos e equipamentos, além de manter suas subsistências (SOUSA, 2013). Ao estudar a história dos músicos da cidade os formandos adotaram posturas que se afastam das mesmas praticadas pelos literatos do século passado, os quais não se interessaram por esse grupo social. Os escritores do século anterior estavam mais ligados a uma historiografia que buscava exaltar aos nomes de destaque na sociedade parnaibana, escrevendo textos direcionados aos grupos sociais privilegiados.

Os jovens da cidade não se envolveram apenas com a música, mas também com outras manifestações culturais como o teatro, que foi muito apreciado entre a juventude; e assim, vários grupos teatrais se formaram na cidade. As décadas de 50 e 60 foram marcadas pelo engajamento estudantil nas questões sociais e políticas, que envolveram Parnaíba como um todo, havia uma união entre os estudantes para reivindicar a resolução de problemas do município. Por meio dos grêmios estudantis e de outros meios de comunicação como o rádio, os jovens se organizavam para debater ações que poderiam melhorar a qualidade de vida dos cidadãos (BARBOZA, 2013). Fatos como esses não tiveram relevância para os escritores caracterizados como tradicionais e memorialistas aos quais estão fadados à escriturística da saudade.

Os formandos mencionados até o presente momento mostram uma realidade de descaso com diversas obras e projetos de assistência social e saúde, os quais beneficiam os parnaibanos com poucas condições financeiras. A graduanda Cardozo, assim como outros mencionados, expôs em sua pesquisa sobre a Santa Casa de Misericórdia, a qual não recebeu muito incentivo dos poderes municipais e estaduais que, com isso, ocasionaram a escassez de recursos hospitalares. O financiamento direto ocorreu pela iniciativa privada, mostrando o cenário de abandono que a cidade e suas obras receberam. Em alguns casos, por parte dos governos municipal e estadual (CARDOZO, 2010).

A formanda Cornélio, ao discorrer sobre a formação do Bairro Piauí, falou sobre a negligência do poder público para com as políticas sociais voltadas à moradia, e revelou que a proposta de regularização fundiária dos terrenos, nessa área, foram objeto de barganha entre partidos políticos (CARDOZO, 2010; CORNÉLIO, 2010). Desse modo, as três últimas autoras mencionadas não

trabalham com um passado idealizado e glorioso, o qual é ameaçado por presente decadente exposto na escrita dos cronistas parnaibanos.

Conforme o formando Cardozo, os operários da Moraes S/A foram um dos responsáveis pelo crescimento econômico da cidade, a maioria dos artífices eram cidadãos muito comprometidos com o trabalho e a religiosidade católica. Mas também existiam os que gostavam de passar o tempo de folga nos bairros periféricos da cidade, sob o divertimento com mulheres e muitas bebidas. Esses operários tinham uma concepção fortemente enraizada entre os cidadãos parnaibanos, o trabalho como o sentido da vida, e mencionam o tempo como um período marcado por grandes dificuldades. De acordo com autor “[...] a herança rural pesava sobre eles, e os camponeses têm esta cultura de ajuda mútua frente às dificuldades, tais como: secas, escassez de alimentos, a morte de um parente [...]” (CARDOSO, 2016, p. 72). Com isso, os empregados estavam satisfeitos com qualquer trabalho, pois conseguiam garantir o sustento de suas famílias.

O autor reforça a ideia sobre um período temporal marcado pelo medo de reivindicar mais direitos aos patrões, embora tivessem consciência das precárias condições às quais estavam situados. Esse temor em se envolver com a luta sindical deu lugar a solidariedade, a qual muitos deles estavam envolvidos, a doação de roupas, remédios e outros mantimentos eram ações frequentemente realizadas entre esse grupo de operários (CARDOZO, 2016). Sendo assim, temáticas que não são relacionadas aos grandes homens do passado e não se referem a esses de forma nostálgica não pertencem à história monumental idealizada por Nietzsche segundo BARROS (2011) e se distanciam da escriturística da saudade.

A religiosidade foi um traço bastante notável na sociedade parnaibana do século XX, principalmente entre os mais humildes, os quais criaram através de uma tragédia que envolveu dois jovens retirantes um vínculo de fé. Os irmãos da Tabajara, assim como ficaram conhecidos, foram dois jovens que morreram atropelados pela locomotiva no início do século XX, jovens com a história de vida parecida com a de muitos trabalhadores que buscaram na Parnaíba do século XX melhores condições de vida (SOBRINHO, 2010).

Após a morte dos jovens, inúmeras lendas surgiram em torno da morte deles e um livro sobre a vida dos irmãos foi escrito, dessa forma, aumentando o número de devotos pelos santos. Com o passar das décadas a história deste trágico acontecimento foi se tornando bastante conhecida e os irmãos ficaram reconhecidos como santos (SOBRINHO, 2010).

Segundo o autor, Sobrinho, a divinização desses indivíduos representa uma manifestação da cultura popular, uma identidade religiosa, pois a fato ocorrido com os irmãos não fez com que as elites os identificassem como santos. Pelo contrário, através de investigações foi comprovado pelo

graduando que em nenhuma edição do Almanaque da Parnaíba fora mencionada a história dos irmãos que se tornaram santos através de uma tragédia.

Esses jovens não foram considerados como relevantes para a sociedade dominante da época pois a condição socioeconômica de ambos impossibilitava isso. Além disso, a situação pela qual eles ficaram conhecidos não era boa para a boa imagem da ferrovia. Por isso, para a escriturística da saudade eles foram irrelevantes, porque ela busca assuntos ligados a figuras importantes, que eram consideradas heróicas “Para suprir a necessidade do “culto aos heróis”, os heróis nacionais, segundo Carvalho, não podem ter traços negativos e precisam ser inspiradores e unificadores” (CAVALCANTE JÚNIOR, 2023, p. 96). Com isso, Sobrinho, ao escrever sobre a história desses rapazes, se situa em direção oposta a escriturística da saudade que não representa os grupos sociais mais pobres e desamparados.

Ao realizar a análise dos doze trabalhos percebemos que os grupos marginalizados, ou seja, os cidadãos de classes inferiores e vulneráveis socialmente, foram excluídos dos veículos de comunicação oficial, e em sua maioria, das memórias que predominam em todas as fontes relacionadas à cidade que estão associadas aos grupos sociais mais abastados. As imagens são os tipos de memória que mais são encontradas nas pesquisas acadêmicas, eles se restringem a mostrar apenas fatos isolados e selecionados, isso em razão da seletividade exercida colecionadores de memórias do século XX. Em contrapartida, os graduandos conseguiram materializar em seus textos outras memórias, que não estão nas fontes oficiais da época como a história oral, a qual foi de suma importância para a caracterização de uma nova historiografia parnaibana, que deu voz aos indivíduos de baixa renda e de famílias humildes.

1.3. Como os graduandos se relacionam com os espaços da cidade

A obra “*Espaços da Recordação: formas e transformações da memória cultural*” (2011), de Aleida Assmann, consiste na divisão de três momentos. Na primeira parte do livro, denominada “Funções”, a autora apresenta os tipos de memória e recordações, contemplando o ápice da memória, assim como a sua relativa perda de importância na contemporaneidade. A segunda parte, intitulada “Meios”, explora as mídias memorativas dos espaços da recordação. Já na terceira parte, nomeada “Armazenadores”, Assmann (2011) trata sobre o acúmulo da memória cultural. Aprofunda a questão dos suportes de conservação da memória, a evolução da tecnologia, além da problemática acerca da conservação dos dados. A autora faz uma discussão bastante complexa e extensa acerca dos espaços da recordação, os quais segundo ela são diversos como, livros, vestígios, imagens, ruínas, e até a própria memória é concebida como lugar de lembranças.

Embora a escritora se refira à memória constantemente ao longo do texto, na segunda parte encontramos capítulos que abordam os locais com diferentes perspectivas: sagradas, míticas, honoríficas, traumáticas e geracionais. Este último conforme Assmann: “Esses locais da família detêm o progresso” (ASSMANN, 2011, p. 320). Ou seja, são espaços que têm um valor simbólico para determinados grupos sociais ou gerações que desejam manter preservadas as suas memórias, as quais são destruídas pelo progresso. Dessa forma, Assmann (2011) acredita que a forma como esses locais são tratados está relacionada diretamente aos significados que são atribuídos, tanto por interesses políticos, sociais, religiosos e culturais.

Outro teórico que ajudará a fundamentar este estudo é Certeau com a teoria da qual “o espaço é um lugar praticado” (CERTEAU, 1998, p. 202). Segundo Certeau, o espaço é um local dinâmico onde ocorrem as interações sociais, e a divisão entre as práticas táticas e estratégicas. Esses dois conceitos são usados para se referir à dialética entre forças opressoras e oprimidas e um local. As estratégias são elaboradas pelas instituições ou grupos dominantes, que ditam como determinado deve ser organizado nesses espaços. De acordo com Certeau, “A estratégia postula um lugar suscetível de ser circunscrito como algo próprio e ser a base de onde se podem gerir as relações com uma exterioridade de alvos ou ameaças” (CERTEAU, 1998, p. 99). A tática que não ocorreu de modo planejado, e nem com fins econômicos, sendo ela mais ligada às classes marginalizadas que resistem às práticas estratégicas segregadoras. Com isso, as ações táticas têm como intuito subverter as normas dos mais fortes “Em suma, a tática é a arte do fraco” (CERTEAU, 1998, p. 101).

A escrita dos literatos parnaibanos do século XX esteve fadada à escriturística da saudade, a qual considera o perímetro central que se localiza entre a estação de trem até o Porto das Barcas como o único local que representa a cidade de Parnaíba. Os locais presentes nessa área são considerados como valiosos para a escriturística da saudade, pois mostra as conquistas do passado as quais devem ser constantemente lembradas em razão do tempo devorador que afasta as glórias desses lugares da memória dos parnaibanos. “Então os tradicionalistas buscaram operar com os signos familiares da Parnaíba que viveu o progresso e torná-los cada vez mais familiares à sociedade do presente num apelo nostálgico que força os parnaibanos a viverem da saudade e não de uma expectativa de transformação” (CAVALCANTE JÚNIOR, 2023, p. 91). Dessa forma, a escriturística se firmou na preservação da memória dos espaços nobres da cidade, pois denotam as ações das pessoas mais ricas do século passado.

A escrita dos graduandos, diferentemente da tradicional e memorialista, revela os vários locais existentes na cidade. As pesquisas precisam evidenciar o protagonismo dos lugares afastados da região central, os bairros pobres e sem infraestrutura, considerados invisíveis para a escriturística da saudade. Os diversos lugares necessitam ser revelados pelos historiadores, até mesmo os lugares

traumáticos como aborda Assmann: “Registros feitos com sangue — como perseguição, humilhação, derrota e morte — têm um valor de destaque na memória mítica, nacional e histórica. Eles são inesquecíveis, na medida em que são traduzidos por um grupo em recordação positivamente vinculadora” (ASSMANN, 2011, p. 348). Assim, os formandos tiveram que trabalhar com os diversos tipos de espaços da cidade para se distanciar da escriturística da saudade.

Diversos espaços da cidade são abordados pelos pesquisadores, dentre eles os mais populares e aqueles destinados aos indivíduos mais favorecidos economicamente, os quais compõem uma minoria. Primeiramente, trabalharemos aqueles que estão mais vinculados às classes populares, ambientes que foram cosmopolitas e possuíram grande relevância para as modificações sociais, econômicas e culturais da cidade. A região central da cidade, localizada nas proximidades da antiga Rua Grande, atual Presidente Getúlio Vargas, que é um dos lugares de relevância para escriturística é uma área que no século XX atraiu um aglomerado imenso de pessoas, as quais exerciam muitas atividades em razão da proximidade com as casas comerciais, igrejas, linha férrea e outros estabelecimentos.

Entre esses locais situados, a Praça da Graça foi um dos que mais concentrou os cidadãos, sendo um espaço público aberto para inúmeras pessoas circularem livremente. A praça foi um espaço bastante praticado pelos cidadãos que frequentavam a mesma para conversar e assistir apresentações artísticas e culturais, além de ter sido o primeiro lugar da cidade a receber, na década de 30, as amplificadoras que reproduziam diversas músicas e anúncios (LIMA, 2010). Esses locais da zona central, lugares preciosos para os memorialistas, estão todos relacionados em razão da proximidade entre ambos, como exemplo, o Porto Salgado que foi um dos responsáveis pela intensa movimentação de pessoas que exerciam várias atividades como transporte cargas e outras tarefas cotidianas (LIMA, 2010).

Embora a autora Lima (2010) aborde assuntos relacionados aos lugares envolvidos pela nostalgia do passado ela não considera como cidade somente a zona central conforme ela cita, “Contudo, a vida urbana não estava restrita ao centro, os demais bairros da cidade localizavam-se em regiões mais periféricas. Além do Bairro Centro havia o Bairro Campos, os Tucuns[...]” “[...]Nestes bairros a movimentação de pessoas era intensa, o comércio era realizado em pequenas mercearias, também comumente chamadas de quitanda” (LIMA, 2010, p. 18). Assim a autora se desvia da escriturística da saudade, a qual se concentra nas casas comerciais e nos casarões de fachada europeia, que lembram os burgueses da época (CAVALCANTE JÚNIOR, 2023).

As diversas atividade exercidas na cidade atraiu muitos artífices de outros locais para trabalhar em Parnaíba. Segundo o autor, Rodrigues, havia bastante movimentação em uma pequena estação, que fica entre Parnaíba e Luís Correia, chamada de Florianópolis, a qual muitas pessoas se

aglomeravam para comprar bilhetes e consumir alguns alimentos que eram vendidos por ambulantes (RODRIGUES, 2013). Assim percebemos que a ferrovia influenciou a circulação de pessoas não apenas na região central da cidade, mas também em áreas mais distantes do centro, e que a paralisação de suas atividades causou tristeza nos cidadãos.

Ao discorrer sobre a desativação da malha ferroviária da cidade o graduando não se deixou levar pelo saudosismo de seus entrevistados, assim, ele não fez como os escritores tradicionais que realizaram apologias aos grandes homens, pelo contrário ele associou a decadência da ferrovia aos funcionários de cargos mais elevados como os do setor administrativo.

[...] o Sr. Antonio Carlos de Azevedo, que também contribuiu para a decadência da ferrovia na cidade de Parnaíba foi a questão da corrupção dentro da empresa, por parte de alguns funcionários que de certa forma exerciam funções de confiança dentro da Central do Piauí, como, chefe de trem, fiscal de trem, chefe de bagagens [...] (RODRIGUES, 2013, p. 43).

Esses espaços possuem uma ligação direta, como exemplo, a fábrica Moraes S/A precisou da ferrovia para escoar suas produções ou importar alguns insumos que vinham de outras regiões do estado, sendo o babaçu e a cera de carnaúba utilizada em larga escala pela empresa. Essa empresa foi uma das que mais empregou funcionários até meados do século XX, a mesma possuía um maquinário muito sofisticado para a época, entretanto, a partir de meados desse século a empresa entrou em processo de desativação (CARDOZO, 2016).

O graduando Cardozo, ao analisar o contexto temporal de meados do século XX bem como suas fontes, aponta que uma das causas da desestabilização da empresa fora a queda nas exportações pelo Porto Salgado e a ascensão do transporte rodoviário que colocou a capital Teresina como mais atrativa ao comércio e indústria no Piauí (CARDOZO, 2016). Com isso, os formandos desenvolveram pesquisas sobre a história da cidade lançando novos olhares sobre o passado que é consolidado com uma nova perspectiva para caracterização de um novo período historiográfico parnaibano (FIALHO; RIBEIRO, 2011).

Os operários da Moraes S/A, assim como outros artífices, utilizaram a Santa Casa de Misericórdia para tratar suas enfermidades, porque era um lugar que prestava atendimento gratuito para os de baixa renda. A monografia que estuda a criação da Santa Casa mostra que ela acolheu a sociedade parnaibana (CARDOZO, 2010). Com isso, ele não se remete a negar nem o presente e nem futuro em nome de um passado imaculado, a graduanda mostrou de forma crítica a situação desse espaço de dificuldade dos parnaibanos de baixa renda.

Os formandos utilizaram diversos espaços no enredo de suas produções dentre eles os espaços culturais que foram bastante frequentados na cidade, dentre eles, os clubes e o teatro SESC entre outros locais que foram menos seletivos para com seus visitantes. Nesses locais diversos movimentos artísticos eram realizados principalmente aqueles ligados a música que segundo alguns graduandos

ela foi bastante consumida desde o surgimento da primeira emissora de rádio da cidade. No início da era do rádio, somente os mais abastados possuíam aparelhos na década de 40, e “Com o passar dos anos e a diminuição do valor de compra, o rádio foi cada vez mais se popularizando, chegando a residências mais humildes e assumindo um papel privilegiado na comunicação de massa” (LIMA, 2010, p. 23).

Em duas pesquisas o teatro SESC é retratado como grande influenciador das expressões culturais entre os parnaibanos, assim como o Clube dos Ferroviários que não se restringiu apenas aos trabalhadores da ferrovia, mas atendeu a comunidade citadina em geral por meio da disponibilização do espaço para várias ações sociais. Os trabalhos possuem esse discurso sustentado pelo cruzamento de fontes como fotos, entrevistas e jornais que revelam a importância desses lugares para a história da cidade (BATISTA, 2017; SOUSA, 2013).

Todos os espaços abordados até o presente momento se mantêm dentro dos padrões científicos de uma escrita acadêmica a qual usam frequentemente referenciais teóricos para justificar suas ideias. Com isso, distanciando-se de uma escrita sem postura empírica, a qual os memorialistas parnaibanos do século XX estavam fadados, isto é, carentes de uma postura crítica, e com necessidade de colocar em questão as causas e motivos dos acontecimentos (CAVALCANTE JÚNIOR, 2015).

As doze monografias não se limitaram a mostrar a apenas os lugares exemplares registrados na história oficial, “Assim encontramos uma Parnaíba dividida entre a cidade e a não cidade, entre os ricos que residiam no centro, parte civilizada, de gente de bem, e os marginalizados, pobres que moravam em torno do centro: bairro Coroa Tucuns, Quarenta” (BARROS, 2010, p.20). Outros bairros surgiram e herdaram essa mesma característica situada na segregação social e espacial. Os cronistas da escriturística da saudade não narraram a história desses bairros que para eles eram locais indignos de serem memorizados: conforme Aleida Assmann:

[...] o local traumático se vê assinalado pela impossibilidade de se narrar a história. A narração da história está bloqueada pela pressão psicológica do indivíduo ou pelos tabus sociais da comunidade. Expressões como pecado, vergonha, coação, poder do destino, sombras são palavras tabus, conceitos velados que não manifestam, mas afastam o que não pode ser dito, encerrando tal coisa em sua própria condição inacessível (ASSMANN, 2011, p. 349).

Com isso, os bairros periféricos eram rejeitados e esquecidos pelos escritores tradicionais, entretanto, os graduandos buscaram esses locais fora do perímetro central para trabalhar em suas pesquisas. Como exemplo, o Bairro Piauí que, conforme abordado na pesquisa por Cornélio, se formou através de uma invasão agrária e não foi considerado parte da cidade de Parnaíba durante algumas décadas. De acordo com o que é revelado pela graduanda: “Outro elemento verificado no percurso da pesquisa, especialmente, através dos relatos orais, foi a maneira como os moradores do Bairro Piauí sentiam o acentuado preconceito por parte de moradores da outra cidade dentro de

Parnaíba” (CORNÉLIO, 2010, p. 44). O bairro em seu início possuía condições insalubres e a população vivia em péssimas condições de infraestrutura, além disso, faltava assistência por parte do governo que prometera algumas reformas em períodos de campanha para atrair apoiadores (CORNÉLIO, 2010). Dessa forma, construiu-se essa noção equivocada sobre este espaço.

Outrossim, Cornélio trouxe uma problemática que revela a situação de exclusão a qual os moradores no começo da formação deste espaço, fato que não teve importância para os cronistas da época. Sendo assim, ao mostrar novas perspectivas sobre a história da cidade, a pesquisadora supracitada se encaixa no rol de membros dos historiadores que trouxeram renovação para a historiografia parnaibana (FIALHO; RIBEIRO, 2011).

Por meio de diversas análises de fontes, as pesquisas apontam que embora esses espaços fossem ligados às camadas populares, em alguns havia distinção entre pessoas que possuíam melhores condições. Para chegar nessa concepção referente a desigualdade social e monetária, os historiadores utilizaram jornais, livros, testemunhos e arquivos oficiais de domínio público os quais auxiliaram nas práticas científicas de uma escrita. Com isso, as monografias analisadas, até este momento, cumprem todos os requisitos de uma escrita atualizada com os padrões científicos acadêmicos, já que utilizam referenciais teóricos coerentes para defender sua tese e organizar os procedimentos de uma disciplina que coloca a história como uma operação (CERTEAU, 1982).

Os graduandos não se mostram deslumbrados com alguns lugares referente a esfera econômica e cultural do passado, em nenhum momento eles se remetem a um saudosismo carregado de desesperança, pelo contrário, eles colocaram novos sentidos sobre os discursos que abordam esses espaços no passado. A noção de um futuro economicamente fracassado e um passado glorioso como fora conceituado escriturística da saudade não é percebido na escrita dos pesquisadores. Com isso, ao colocarem em suas narrativas, locais que se afastam do centro da cidade e foram de alguma forma inferiorizados, os formandos se distanciam de uma escrita nostálgica.

Os espaços da zona central da cidade foram objetos de estudo dos graduandos citados, que se posicionaram de forma diferente dos escritores tradicionais e memorialistas. Os memorialistas mencionaram com saudosismo lugares como o Cassino 24 de Janeiro, o Cine Éden, a ferrovia, e outros locais reservados ao perímetro da avenida presidente Getúlio Vargas, que foram apontados como espaços que predominaram as pessoas mais privilegiadas economicamente. O Cine Éden tem uma ligação cultural com o Cassino 24 de janeiro, pois os filmes exibidos influenciaram os costumes modernos que eram cultuados dentro do Cassino 24 de Janeiro (SOUSA, 2016). Esses lugares representam a presença das famílias mais ricas, os quais os literatos se referem com certo saudosismo. Em contrapartida, os graduandos não reproduzem os lamentos pela desativação desses ambientes, eles se dirigem aos mesmos de forma crítica e com respaldo na teoria da história.

Segundo Certeau, a criação desses espaços de distinção social como o cassino e cinema se caracterizam como lugares associados a uma prática estratégica, porquanto as relações sociais entre os integrantes do Cassino estão muito pautadas sobre relações econômicas (CERTEAU, 1998). No Cine Éden, as pessoas com maior poder aquisitivo sempre ficavam nos melhores lugares. Assim, os menos favorecidos financeiramente sempre davam um jeito para não perder os filmes, às vezes, com assentos improvisados ou trazidos de suas residências (SOUSA, 2016).

Ao trabalharem com lugares distantes do centro da cidade os graduandos já se afastam da escriturística da saudade, como exemplo Mercado de Fátima, que embora tenha sido conhecido como “mercado dos ricos” em razão do público que frequentou este espaço, os altos preços dos alimentos também contribuíram para este título (SANTOS, 2010). Conforme cita a graduanda:

O mercado de Fátima foi idealizado para suprir a população parnaibana em geral, não distinguindo categoria social, fonte de renda ou condição financeira. Porém ao longo de seu percurso comercial, em destaque na transição do auge à estagnação econômica, o mercado foi adquirindo fama e uma nomenclatura peculiar: passou a ser chamado por algumas pessoas de "mercado dos ricos" (SANTOS, 2010, p. 25).

Assim, havia uma certa preferência pelas pessoas ligadas às profissões liberais como médicos e advogados entre outros trabalhadores por este ambiente, o qual tinha condições higiênicas agradáveis.

Em seu terceiro capítulo “Do ouro ao pó” a graduanda Santos aponta vários fatores que contribuíram para a decadência comercial do mercado, entre eles a concorrência que surgiu através da ascensão de outros ambientes mais modernizados. Os supermercados que apareceram na cidade proporcionaram maiores condições de compra para os clientes como a conservação dos alimentos, climatização, estacionamento, entregas à domicílio e compras a prazo (SANTOS, 2010). Esses fatores, aliados às campanhas publicitárias, atraíram os parnaibanos para os supermercados e conseqüentemente enfraqueceram o comércio do Mercado de Fátima.

Através da análise da escrita desta monografia, percebe-se que há uma ligação entre ela e a citação de Cavalcante Júnior (2015):

“O povo abandonou o trem, a culpa é do povo, não do governo”. E para justificar sua afirmação o autor é bem explícito ao explicar que “o progresso que às vezes tem seu lado negativo” trouxe a pavimentação poliédrica que permitiu às classes populares outras opções de locomoção (CAVALCANTE JÚNIOR, 2015, p. 124).

Ao abordar a história e memória do Mercado de Fátima a graduanda caracteriza de forma científica os fatores ligados à perda de influência comercial deste espaço da cidade. Com isso, ela escreve uma retificação para as palavras generalizadas do memorialista, que culpa o povo, e utiliza uma vaga definição sobre o conceito de progresso para justificar a decadência de alguns espaços da cidade como a ferrovia. Desse modo, podemos associar à análise da formanda como uma antítese ao

saudosismo, pois, sua narrativa é feita por meio de uma metodologia científica baseada em conceitos históricos, que consequentemente pautam suas afirmações em informações dotadas de respaldo crítico.

Através da utilização de alguns conceitos do meio acadêmico como modernização, memória e outros, a pesquisadora não reproduziu um discurso semelhante ao dos memorialistas do século XX. Dessa forma, as monografias analisadas ainda não se envolveram com a escriturística da saudade. Sendo assim, distanciam-se da concepção, a qual: “Para Nietzsche, enquanto a historiografia se basear na história monumental, fechando-se somente na análise dos feitos dos grandes homens, a história será uma deformação do real, tal como a poesia” (SOUSA, 2012, p. 5).

Esses três ambientes caracterizados por sua predominância de pessoas relacionadas com os grupos mais beneficiados foram retratados com detalhes pelos graduandos. Através dessas análises é revelado que o cassino 24 de janeiro foi um dos ambientes que mais causou segregação social no século XX. A obra do autor, Barros (2010), mostra que o cassino não foi apenas um local de lazer dos mais ricos, ele se enquadra no que conceito de poder simbólico de Pierre Bourdieu: “[...] cultura erudita, adquirida a partir do crescimento econômico da cidade, que possibilitou a afirmação de um grupo social em posição de superioridade, criando um sistema de hierarquização social [...]” (BARROS, 2010 p. 13). Com isso, Barros mostra em sua análise que os signos criados pela elite, como ele definiu, atuam na legitimação de uma hierarquização social e contribui para exclusão social dos mais pobres.

1.4. Como os graduandos tratam a memória

Michael Pollak, no artigo “*Memória e Identidade Social*” (1992), faz uma caracterização ampla sobre memória e identidade na qual aborda conceitos que definem os meios de criação e transformação de ambas. Tanto a memória individual como a coletiva são construídas através das experiências pessoais ou grupais, dos lugares de memória e artefatos possuidores de memória, além disso, podem ser feitas tanto conscientemente como inconscientemente (POLLAK, 1992). Esses dois tipos de memória podem passar por um processo chamado de enquadramento, no qual ocorre uma seleção das memórias que serão usadas como fonte histórica, e o enquadramento da memória está ligado às disputas impostas entre os indivíduos na esfera social, política e etc. O enquadramento da memória gera unidade, coesão e atrai mais pessoas que utilizam aquelas memórias como referência para representar sua identidade e criar um sentimento de pertencimento a um determinado grupo, em razão das memórias selecionadas (POLLAK, 1992).

Para Pollak (1992), memória e identidade são concepções interligadas, e tanto a memória como a identidade são disputadas na esfera social e política, como exemplo, o autor mostra as disputas

por memória política ocorridas na França do século XX entre grupos comunistas e gaullistas, essas disputas estão associadas aos acontecimentos e personagens que para os dois grupos eram relevantes para se tornar parte da memória e identidade nacional (POLLAK, 1992). Em outro artigo de Michael Pollack denominado “*Memória, Esquecimento Silêncio*” (1989) o autor usa vários adjetivos como subterrâneas, minoritárias, clandestinas, inaudíveis e dominadas para se referir as memórias que perderam a disputa para as memórias oficiais e enquadradas. As memórias subalternas ganham relevância a partir da História Oral que é compartilhada entre grupos familiares e redes de socialização (POLLAK, 1989). Tanto as fontes orais como as escritas são iguais, não existe hierarquia entre elas. Por outro lado, a História Oral por causa de sua subjetividade expandiu o campo metodológico, pois ela obriga o historiador a criticar mais imperiosamente as fontes (POLLAK, 1992). Assim, a oralidade é considerada importante para história, porque possibilita o diálogo com outras fontes e coloca em prova os documentos.

A obra de Joel Candau “*Memória e Identidade*” (2012) faz uma abordagem sistemática sobre memória e identidade, ele se baseia na tese de que a identidade depende da memória, esses dois conceitos são fundamentais para a formulação de suas proposições que foram criadas a partir da análise das obras de vários escritores como Halbwachs, Nora, e Pollack que são citados frequentemente no livro, em alguns pontos concorda com os teóricos, mas também discorda. A identidade para Candau é mencionada como heterogênea suscetível a transformações que são influenciadas pela memória, que é vista como um enquadramento do passado. A manifestação da memória ocorre por meio da linguagem e imagens que se projetam na esfera coletiva para atuar como representantes da identidade. Isso se serve tanto para a manutenção de memórias fortes que estão ligados a processos históricos quanto as memórias fracas que são mutáveis assim como a identidade (CANDAU, 2012),

Para Candau (2012) a memória e identidade tem uma relação dialética e ambígua que atua para a construção da identidade, sendo a identidade dependente da memória. Através de uma abordagem antropológica da memória, três categorias diferentes dela são apresentadas: protomemória, memória de alto nível e metamemória, as quais são interdependentes. Ele caracteriza esses tipos de memória como responsáveis para a formação da identidade, a protomemória que é ligada ao hábito do indivíduo e a aprendizagem, a memória de alto nível a qual é uma memória de recordação pertencente aos conhecimentos associados a crenças religião e sentimentos: “A protomemória, de fato, é uma memória imperceptível que ocorre sem tomada de consciência” (CANDAU, 2012, p. 23). A metamemória, diferente da anterior, é uma memória selecionada para servir de representação para construir uma identidade “A metamemória é, portanto, uma memória reivindicada, ostensiva” (CANDAU, 2012, p.23).

A memória é o campo central de atuação da escriturística da saudade, pois “[...] essa prática propõem a atualização permanente das memórias desse passado que mereceria ser eternizado [...]” (CAVALCANTE JÚNIOR, 2023, p. 86). A memória na escriturística da saudade é utilizada na tentativa constante de preservar o passado dos lugares e personagens ligados ao período da primeira modernização da cidade. Os cronistas associados a este conceito buscam confirmar a grandeza do passado por meio da memória dos signos de poder de uma pequena parcela de comerciantes e profissionais liberais. Um dos fatores que proporcionaram o surgimento desta prática literária foi a emergência dos discursos direcionados para a estagnação econômica iniciada a partir de meados do século passado. Com isso: “Não era mais o momento de fazer a sua vanguarda avançar sobre horizontes de expectativa, mas garantir as conquistas do passado, mesmo que apenas no imaginário” (CAVALCANTE JÚNIOR, p. 91) e isso só poderia ser realizado através da admiração pelas memórias do passado presentes nas publicações dos escritores da cidade.

Os graduandos devem se posicionar perante a memória através de conceitos acadêmicos, conforme alguns já citados anteriormente, para não cair no saudosismo e na apologia às memórias consideradas oficiais. Eles devem dar espaço para as memórias coletivas e subterrâneas dos indivíduos: “[...] marginalizados e minorias, em contraposição às chamadas “memórias oficiais” (CAVALCANTE JÚNIOR, 2023, p. 92). Essas memórias excluídas são acessadas por meio da oralidade, que é imprescindível para os historiadores construírem os fatos de forma empírica, pois a história como disciplina utiliza métodos e técnica para trabalhar com a memória.

A história, segundo Aleida Assmann, possui várias características que a diferenciam da memória porque: “é desvinculada de um portador específico- separa radicalmente passado de presente e futuro- interessa-se por tudo; tudo é igualmente importante- investiga a verdade e com isso suspende valores e normas” (ASSMANN, 2011, p. 146). Assim sendo, os graduandos não podem se deixar levar pelas influências da memória saudosista presente na escriturística da saudade, a qual: “[...] Paul Ricoeur chama de “memória histórica enferma”, uma memória que está permanentemente obrigada a se confrontar com perdas (RICOEUR, 2007, p. 93). Perdas que levam à melancolia e ao enfraquecimento do sentimento de si, da identidade” (CAVALCANTE JÚNIOR, 2023, p. 87).

As imagens foram fontes de pesquisa muito utilizadas pelos graduandos nos trabalhos analisados nesta pesquisa a qual o século XX está bastante representado por suas memórias oficiais. Lembranças referentes principalmente a parte urbanizada da cidade que eram frequentados pela camada social mais privilegiada da cidade. A casa inglesa, o escritório da companhia Booth Line, as edificações da fábrica Moraes S/A, os Correios e Telégrafos, Banco do Brasil, Cassino 24 de Janeiro, Cine Éden e diversas lojas. Essas são algumas das memórias frequentemente utilizadas em trabalhos que se referem a Parnaíba do século passado. Os graduandos explicitam em suas pesquisas que as

fotografias daquela época mostram registros feitos de forma estratégica, e se caracterizam como “memória oficial” e se opõe às “memórias clandestinas”, que não representavam a identidade idealizada que a imprensa passava para mundo sobre a cidade.

A formanda Cornélio ao se referir à história e à memória do Bairro Piauú, faz uma discussão teórica sobre a memória utilizando Michel Pollack e Jacques Legoff, entre outros teóricos para explicar alguns conceitos relacionados a memória da cidade de Parnaíba. Segundo a graduanda “A memória se direciona assim como um dos caminhos para se conhecer o passado de diferentes grupos que interagem permanentemente com o presente” (CORNÉLIO, 2010, p. 15).

Fora constatada a predominância de fotografias ligadas à memória dos lugares centrais da cidade e dos grandes homens, em oito monografias, revelando que os escritores tradicionais e memorialistas, os chamados pelos pesquisadores de “guardiões da memória” não deram protagonismo às memórias inaudíveis. Esses autores que descreviam Parnaíba baseando-se na escriturística da saudade, escreveram a história da cidade sob uma perspectiva que se desviava das memórias subterrâneas. Essa característica excludente é evidenciada pelos graduandos em suas pesquisas, pois utilizam muitas das imagens do “Almanaque da Parnaíba” o qual estava engajado em criar a identidade de uma Parnaíba progressista e esquecia os problemas dos mais pobres. Como exemplo, a graduanda Lima revela que “É interessante observar que a maioria das imagens que representam Parnaíba, na primeira do século passado mostra basicamente a parte central da cidade [...]” (LIMA, 2010, p. 19). Citações como essa mostram que as imagens e fotografias eram utilizadas para construir uma identidade fundamentada em memórias de uma cidade próspera e urbanizada.

Entretanto, os licenciandos supracitados utilizam essas fontes de forma crítica e isso possibilita um afastamento das características de uma escrita semelhante aos “guardiões da memória”. Assim, as imagens mostradas nas monografias denotam que os fotógrafos, memorialistas e colecionadores de passado deixaram fontes que se restringiam apenas as memórias do progresso, ou seja, ajudaram a fortalecer o sentimento de saudosismo da escriturística da saudade, a qual se apega demasiadamente a essas memórias.

Os discentes utilizaram as memórias para a construção de suas produções, as quais foram criadas sob o domínio teórico e metodológico. Os graduandos interrogaram essas fontes e se posicionaram com um certo distanciamento, se protegendo de alguns traços delas para lançar novas perspectivas historiográficas, pois como já mencionado as fotografias utilizadas podem carregar algum saudosismo. A forte presença dessas imagens nas monografias também pode ser justificada de outra maneira:

Uma importante fonte ligada à memória e a História Oral, que foi utilizada como instrumento de pesquisa nas monografias analisadas, além dos teóricos que orientam os graduandos como utilizar

as imagens na pesquisa histórica. Com isso, as pesquisas trazem informações a respeito de um passado ao qual não foi registrado pelos cronistas e literatos do século XX. Desse modo, os relatos oriundos da História Oral trouxeram novas interpretações para a história da cidade e ajudou os formandos a formularem concepções sobre os fatos ligados a Parnaíba.

A História Oral predominou em cerca de 8 monografias analisadas através da história oral de vida e história oral temática que fora mais frequente nas pesquisas. A História Oral temática possibilitou com mais precisão a análise de seus objetos de estudo, pois os entrevistados responderam aos questionários que direcionaram os testemunhos. “Mesmo abrangendo índices de subjetividade, a história oral temática é mais passível de confrontos que se regulam a partir de datas, fatos, nomes e situações” (MEIHY; HOLANDA, 2015, p. 38). Assim sendo, foi possível observar com mais detalhes um passado esquecido pelos meios de comunicação oficiais, e relacionar as memórias dos cidadãos pertencentes às classes mais pobres.

As fotografias e a História Oral deram relevância para as classes subalternas parnaibanas e ajudaram a preencher o vazio deixado pela seletividade das memórias vinculadas aos historiadores tradicionais e memorialistas. As imagens mais utilizadas nos trabalhos universitários são relativas ao perímetro central, e as fontes memorialistas como o “Almanaque da Parnaíba” “Estórias de uma cidade muito amada” de Carlos Araken ao qual é um dos literatos que é citado em cinco monografias.

A História Oral auxiliou bastante na compreensão do cotidiano e das condições às quais estavam submetidos os trabalhadores da Moraes S/A no período de funcionamento dessa fábrica. De acordo com o autor, Cardozo, ao trabalhar com a memória dos operários, ele relata que o uso da História Oral foi um recurso para driblar a falta de fontes escritas sobre os trabalhadores da Moraes. Segundo o graduando: “[...] como nosso objeto de estudo são os trabalhadores, as produções escritas sobre e dos mesmos são bem escassas, visto que os próprios no caso não produziram nenhuma espécie de jornal operário [...]” (CARDOZO, 2016, p. 16). Cardozo mostrou que através de entrevistas com vários trabalhadores dessa empresa foi possível construir sua narrativa se pautando no conceito de memória coletiva, que foi possível em razão da convergência e compartilhamento de lembranças pelos portadores da memória.

Sousa também justifica o uso dessa modalidade de memória, a História Oral, para se referir à música e sociabilidade na cidade:

A história oral é utilizada em cima de um embasamento teórico, que aponta: “A história oral atualmente é responsável não somente por introduzir uma nova forma de fonte historiográfica, mais sim de retratar experiências relevantes ligadas à memória e vozes silenciadas:” (SOUSA, 2013, p. 40).

Com isso, os todos os trabalhos analisados usaram a História Oral associada a outras fontes como imagens, jornais e livros analisar a ferrovia, do Mercado de Fátima, do Bairro Piauí, do Clube

dos Ferroviários entre outros ambientes os quais pouco foram mencionados superficialmente pelas fontes oficiais. Para se referir ao surgimento do Bairro Piauí, Cornélio teve acesso à memória dos moradores por meio de depoimentos e, com isso, percebeu a forte segregação social na qual o bairro estava inserido na década de oitenta, fato que nunca foi abordado pelos jornais do recorte temporal abordado. Outras temáticas as quais fazem parte do corpo documental desta pesquisa também mostram explicitamente a exclusão social dos mais humildes, a qual somente foi possível graças à História Oral.

A história da Parnaíba do século XX é marcada por uma disputa de memórias, a qual fez com que alguns fatos ocorridos ligados os menos favorecidos fossem ignorados. Uma memória ignorada “clandestina” que ocupa a cena cultural e revela um fosso que separa as memórias subterrâneas da história oficial (POLLACK, 1989, p.4). Esse exemplo de memória silenciada ocorre no trabalho referente aos irmãos que foram acidentados na linha do trem no início do século anterior. Os irmãos estão ligados a memória dos subalternos, o estudo sobre eles e concretizou por meio de entrevistas com pessoas que não viveram o evento, mas que ouviram os relatos de quem os presenciou, ou seja, uma memória por tabela, e com base em referenciais ele reforça a ligação entre morte e memória (SOBRINHO, 2010):

Logo, essas personalidades estão ligadas a uma memória de tragédia a qual tem capacidade de unir um grupo que pode fundar sua identidade por meio desta lembrança, assim, uma identidade também pode ser construída a partir das memórias de uma tragédia, como ocorrera com os dois irmãos de Tabajara, citados pelo graduando Sobrinho. O evento ao qual esses jovens foram envolvidos foi esquecido pelos cronistas, porque para eles as memórias que não representavam uma Parnaíba próspera não eram ignoradas. Os literatos estavam a serviço da elite burguesa que utilizou os veículos de imprensa para criar a história na cidade através de suas memórias enquadradas, as quais se centravam em pequenos grupos abastados.

A memória está ligada a um lugar, pois no lugar a memória é criada e compartilhada entre um determinado grupo que se identifica através das experiências vivenciadas, assim, os lugares de memória também são formadores de identidades (CANDAU, 2012). Alguns lugares de memória da Parnaíba do século XX relacionados à pesquisa dos graduandos são mostrados pelas fontes oficiais e depoimentos de forma saudosista, como exemplo um depoente que relata acerca da desativação da ferrovia:

A citação abaixo dada pelo Sr. Claudio Ferreira de Sousa, maquinista, narrando e saindo lágrimas dos olhos, quando foi para cortarem com o maçarico as duas locomotivas de sua preferência, que ele mais gostava de trabalhar, a máquina 301 e máquina 302, na desativação da estrada de ferro, desaparecendo assim os trilhos que formaram o caminho de ferro na cidade de Parnaíba, acabando com a esperança do povo parnaibano de voltar a presenciar

uma locomotiva em movimento na nossa terra até a presente data (RODRIGUES, 2013, p. 44).

Esse relato do trabalhador faz parte de uma forma narrativa de história que predominou até o final do século passado, esse apego a uma memória de um período de vivenciado, o qual coloca o presente e o futuro em decadência se caracteriza como escriturística da saudade (CAVALCANTE JÚNIOR, 2015). Esse tipo de testemunho está presente em muitas entrevistas de trabalhos que se referem a diversos pontos da cidade que tiveram relevância para alguns grupos. Com isso, os indivíduos que não são historiadores de formação estão fadados a repetir esse tipo de história, ou até mesmo um profissional da história que não tenha uma base teórico metodológica pautada na criticidade pode se deixar seduzir pelas nostalgias dessas memórias.

Assim, em todos os doze trabalhos analisados foram usados referenciais teóricos que auxiliaram os formandos a confrontar os discursos orais com os documentais a fim de chegar a uma conclusão mais esclarecida dos fatos. Dessa forma, evitaram os erros cometidos pelos cronistas do passado que foi a falta de uma postura crítica que não problematizou a ocorrência das mudanças sociais e econômicas. Segundo Assman: “No salão de imagens da história o tempo torna-se espaço; mais precisamente: espaço da recordação em que a memória é construída, representada e ensaiada” (ASSMAN, 2011, p. 52). Assim, os graduandos analisaram cuidadosamente a memória por meio de um tratamento que identificou a relação dessas memórias com as identidades, ou seja, tanto as memórias subterrâneas como as memórias relacionadas aos cidadãos privilegiados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Cavalcante júnior (2023) cita de Michel de Certeau para mencionar que toda produção historiográfica se associa a um lugar social, político, econômico ou cultural. Com base nessa citação, os autores perguntam sobre a presença da escriturística da saudade “[...] E dentro da Universidade, cercados por novas teorias e metodologias, os pesquisadores estariam afastados de sua influência” (CAVALCANTE JÚNIOR, 2023, p. 104). Essa pergunta é bastante pertinente para esta pesquisa e será respondida no final no último parágrafo. Antes disso, mostraremos como ocorreu e o que foi constatado ao longo da pesquisa.

Este estudo, acerca das monografias da universidade UESPI entre os anos de 2010 a 2017, tentou averiguar a presença da “escriturística de uma saudade”, um conceito construído no século XXI pelo historiador, Idelmar Gomes Cavalcante Júnior, que foi apresentado nas obras supracitadas. O conceito remete a forma de se escrever história no século anterior pelos cronistas da cidade. Assim, dividimos o trabalho em variáveis que auxiliaram na compreensão das abordagens dos graduados sobre as diversas temáticas elaboradas.

Com isso, percebemos que seis trabalhos, quem compõem a metade das fontes analisam um período ao qual os comerciantes da cidade fomentaram o progresso econômico vivenciado até meados do século XX, mas também lançam críticas à desigualdade existente nas camadas sociais. Esse discurso, que menciona o apogeu econômico, surgiu através de fontes tradicionais e memorialistas, as quais estão presentes em quase todos os trabalhos que se remetem à cidade. No entanto, grande parte dos graduandos fizeram o uso de referenciais teóricos em suas produções, que não se lançam apenas na exposição de fatos, mas criam problemáticas que analisam as fontes e mostram as identidades como também as diferenças presentes na época.

Percebemos que todas as monografias mencionam alguns lugares considerados como memoráveis para a burguesia do século XX, em razão da interação que muitos populares também tiveram com os ambientes, embora de forma excludente, isso foi notado através de imagens que foram feitas de forma seletiva. Essa conclusão foi revelada pelos graduandos que olharam para o passado de forma crítica, diferentemente de outros escritores parnaibanos que fizeram escritas carregadas de saudosismo. As posturas evidenciadas nos trabalhos foram adquiridas por meio de embasamento provenientes da História Oral, a qual foi considerada como fonte principal para resgatar memórias que foram esquecidas pelos veículos e cronistas da época. Em quase todos os depoimentos de pessoas, como trabalhadores ou sujeitos que viveram no período, e que contribuem com a História Oral nas monografias, percebe-se um deslumbramento pelo passado, bem como um saudosismo, que remete a uma saudade profunda. Entretanto, os graduandos não se deixaram levar pela subjetividade dos seus objetos de estudo.

Com isso, os graduandos utilizaram o método histórico para analisar essas memórias e construir suas narrativas pautadas na metodologia científica, e até mesmo negando alguns discursos sem respaldo científico presentes nos textos, assim, afastando das suas temáticas as características da escriturística de uma saudade. Para chegar a esta conclusão, foi realizada uma análise detalhada dessas monografias e nenhuma delas se remetem à escriturística da saudade. Destarte, a presença de uma concepção tradicional e memorialística a qual fundamentamos esta problemática não existe dentro das produções científicas analisadas.

FONTES:

BARBOZA, VANIA MARIA SILVA. CULTURA E PARTICIPAÇÃO JUVENIL NA CIDADE DE PARNAÍBA NOS ANOS SSESSENTA. PARNAÍBA, 2013

BARROS, ARMANDO LINDOLFO. CLUBE DOS RICOS: Do crescimento econômico parnaibano ao luxo, requinte e distinção social do Cassino 24 de Janeiro (1914-1945). Parnaíba, 2010.

BATISTA, Denis Amaral. História e Memória do Ferroviário Atlético Clube de Parnaíba: do surgimento da equipe ao auge do futebol amador da cidade entre as décadas de 1940 a 1970. PARAÍBA, 2017.

CARDOZO, ANTONIA MARIA ARAUJO. SANTA CASA DE MISERICÓRDIA DE PARNAÍBA: entre interesses comerciais e sociais (1896-1932). Parnaíba 2010.

CARDOZO, MESSIAS ARAUJO. Além da luta: relatos de operários da Moraes S/A nos anos 1970 e 1980. PARAÍBA, 2016.

CORNÉLIO, YONÁRIA OLIVEIRA. A CIDADE E A CIDADE: o Bairro Piauí a partir de 1980. Parnaíba, 2010.

LIMA, LUCIANE MOREIRA ANDRADE DE. RÁDIO, TV E MÚSICA: a difusão musical em Parnaíba entre 1940 e 1970. Parnaíba, 2010.

RODRIGUES, ANTÔNIO LUIZ ALVES. FERROVIA E MEMÓRIA: decadência e desativação da Estrada de Ferro Central do Piauí – EFCP em Parnaíba, 1970-1990. Parnaíba, 2013.

SANTOS, CARLA AMARA PEREIRA DOS. HISTÓRIA E MEMÓRIA DO MERCADO DE FÁTIMA. Parnaíba - PI 2010.

SOBRINHO, Anderson Rocha. OS DOIS IRMÃOS DA TABAJARA: CRENÇAS RELIGIOSAS E PERCEPÇÃO DO TEMPO HISTÓRICO NO CATOLICISMO POPULAR EM PARNAÍBA, 2010.

SOUSA, Ítalo Ramos de. Cine Teatro Éden de Parnaíba: cinema, cotidiano e representação. Parnaíba: UESPI, 2016.

SOUSA, JOÃO CARLOS ARAÚJO DE. ACORDES QUE TRANSPASSAM: O grupo musical Apaches e sua influência na dinâmica cultural da Cidade de Parnaíba-PI nos anos de 1968-1981. Parnaíba, 2013.

BIBLIOGRAFIA:

ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação:** formas e transformações da memória cultural. São Paulo: Editora Unicamp, 2011.

BARROS, José D'Assunção. **Teoria da história:** os paradigmas revolucionários. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

BARROS, José D'Assunção. **Teoria da história:** os primeiros paradigmas: o positivismo e historicismo. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

CANDAU, Joel. **Memória e Identidade**. Tradução: Maria Letícia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2012.

CAVALCANTE JÚNIOR, Idelmar Gomes. **A escriturística de uma saudade parnaibana**: história, tempo e espaço na cidade de Parnaíba-PI. In: CAVALCANTE JÚNIOR, Idelmar Gomes; LIMA, Frederico Osanam Amorim (Orgs.). **Parnaíba**: ver, sentir, dizer. Teresina: EDUFPI, 2015.

CAVALCANTE JÚNIOR, Idelmar Gomes. **Feliz o aquiles que tem o seu homero**: a escriturística da saudade e a construção dos “heróis” parnaibanos. In: BOTTON, Fernando Bagiotto; CUNHA, Renata Cristina da. **Ensino de história**: teorias, práticas e novas abordagens “O heroico, o lendário e o fabuloso: fronteiras transdisciplinares entre ensino de História, memória e literatura. Recife-PE, Edupe, 2023.

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da história/Michel de Certeau**. Tradução: Maria de Lourdes Menezes; Revisão Técnica: Arno Vogel. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano**: artes de fazer. 3. Ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

FIALHO, Thalita dos Santos; RIBEIRO, Felipe Augusto dos Santos. **O protagonismo de historiadores profissionais em Parnaíba-PI**: apontamentos sobre a emergência de uma nova historiografia. In: LIMA, Frederico Osanam; MENDES, Sérgio Luiz da Silva; CASTRO, Francisco José Leandro Araújo de. **Parnaíba**: história, memória, cidade. Teresina: Cancioneiro, 2011.

HARTOG, François. **Evidência da história**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

HARTOG, François. **Regimes de Historicidade**: presentismo e experiências do tempo. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

LOWY, Michel. O que é o romantismo? Uma tentativa de redefinição. In: SAYRE, R. & LÖWY, M. **Revolta e melancolia: o Romantismo na contramão da modernidade**. Petrópolis: Vozes, 1995.

MAVIGNIER, Diderot dos Santos. **No Piauí na Terra dos Tremembés**. Parnaíba, 2005.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom, HOLANDA, Fabíola. **História oral: como fazer como pensar**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2015.

POLLACK, Michel. **Memória e Identidade Social**. Tradução: Dora Rocha Flaksman. Rio de Janeiro, RJ. Estudos Históricos, 1992.

POLLACK, Michel. **Memória, Esquecimento, Silêncio**. Tradução: Dora Rocha Flaksman. Rio de Janeiro, RJ. Estudos Históricos, 1989.

REIS, José Carlos. **Escola dos Annales**: A inovação em História. São Paulo, Paz e Terra, 2000.

ROMERO, Mariza. **Entrevista a François Hartog**. Paris, maio de 2015.

SOUSA, Raylane Marques. **O Valor e a Utilidade da História em Nietzsche**. Universidade Federal do Ceará, 2012.

THOMPSON, Edward. **Costumes em comum: estudo sobre cultura popular tradicional**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.